



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

"ELES FALA UMAS FANFARRONAGEM QUE NÓS NÃO  
ENTENDE": A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA  
PESSOA DO PLURAL EM FAVELA DO RIO DE JANEIRO

Larissa de Souza Monteiro

Rio de Janeiro  
2020

LARISSA DE SOUZA MONTEIRO

"ELES FALA UMAS FANFARRONAGEM QUE NÓS NÃO  
ENTENDE": A CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA  
PESSOA DO PLURAL EM FAVELA DO RIO DE JANEIRO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação Português/  
Espanhol.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvia Rodrigues Vieira

RIO DE JANEIRO

2020

Monteiro, Larissa de Souza.

"Eles fala umas fanfarronagem que nós não entende": A concordância verbal de primeira pessoa do plural em favela do Rio de Janeiro /Larissa de Souza Monteiro. – 2020.

30 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvia Rodrigues Vieira.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 27-28.

1. Português brasileiro. 2. Concordância verbal. 3. Sociolinguística. I Monteiro/ Larissa de Souza II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2020. III. Título.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fazer acreditar na vida e nas pessoas.

À minha mãe, Creusa, pelo apoio e suporte financeiro tão essencial e importante durante esses quatro anos e meio.

Ao meu pai, Almir, por toda palavra de carinho e consolo. Querido pai, obrigada por sempre me ouvir e me dizer que é preciso plantar para colher os frutos, ainda que seja difícil colhê-los em um mundo tão injusto. Você e minha mãe me ajudam a tornar os meus sonhos possíveis e eu não poderia ser mais grata.

À minha irmã, Rosane, minha maninha, e ao meu cunhado, Reinaldo, por cuidarem de mim como uma filha e por todo o apoio de sempre. Ao meu irmão, Robson, meu maninho, pelas discussões, risadas e momentos de distração em seu quintal com muito churrasco e jogo do Flamengo.

Às minhas amigas de graduação Helen, Letícia, Eduarda e Julia, por sempre me emprestarem seus ouvidos e seus corações. À Beatriz, por sempre me lembrar de que sou capaz e por sempre ter as palavras certas para me dizer. À minha amiga-irmã Júlia, por ter me dado coragem para continuar quando decidi fazer Letras em um momento pessoal tão difícil.

À Carol e à Bianca, pelas conversas e pelas risadas na sala da pesquisa.

À minha orientadora Silvia Vieira, por me orientar tão bem nos meus passos acadêmicos, mas também por ouvir meus desabafos da vida. Agora, me formando, tenho você como o meu maior exemplo de professora e pesquisadora.

Aos funcionários e alunos da Escola Municipal Bernardo de Vasconcelos, por me aproximarem da Vila Cruzeiro e por me receberem tão bem.

Ao CNPq, por ter financiado minha pesquisa ao longo da graduação.

Esta pesquisa é resultado de muita vontade de contribuir com a ciência no Brasil, mas também de muito afeto e carinho. A cada dia, me fica a certeza de que são as pessoas que importam. Então, espero que este trabalho contribua para que cada ser humano se sinta orgulhoso do seu modo de falar, assim como ouvi de um menino de quinze anos uma vez: "Aqui, nós fala 'nós vai!'".

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: A CONCORDÂNCIA VERBAL DE P4...9	
3. FUNDAMENTOS DA TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	20
4. METODOLOGIA.....	24
4.1. Procedimentos.....	24
4.2. Descrição dos <i>corpora</i> e das comunidades em questão.....	24
4.3. Descrição das variáveis.....	27
4.3.1. Variável dependente.....	28
4.3.2. Variáveis independentes.....	28
4.3.2.1 Variáveis extralinguísticas.....	29
4.3.2.2. Variáveis linguísticas.....	32
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
ANEXOS.....	52

## 1. INTRODUÇÃO

A concordância verbal de primeira pessoa do plural é um tema amplamente investigado pela Sociolinguística brasileira, visto que o quadro pronominal e a morfologia verbal do Português Brasileiro (PB) passaram por mudanças que definiram características particulares dessa variedade. São do interesse dos estudos variacionistas a descrição da alternância pronominal e da (não-) marcação morfológica de número da primeira pessoa do plural (P4) e a avaliação social desses fenômenos, pois, muitas vezes, eles permitem que os falantes diferenciem socialmente aqueles que realizam a marcação padrão de pluralidade – como em *nós cantamos* e *a gente canta* – daqueles que não a realizam – *nós canta* e *a gente cantamos*.

Estudos anteriores com dados contemporâneos de entrevistas sociolinguísticas (como, por exemplo, RUBIO, 2012; e VIEIRA; BRANDÃO, 2014) demonstram que o PB e o Português Europeu (PE) possuem tendências diferentes quanto ao fenômeno da concordância. Baseando-se nesses estudos, em relação ao pronome *nós*, as descrições da fala brasileira registram forte realização da concordância padrão (*nós cantamos*) sobretudo na fala de indivíduos altamente ou parcialmente escolarizados urbanos, ainda que haja registro de ocorrências da concordância não padrão nas variedades populares, sobretudo nas rurais. No PE, em áreas urbanas, verifica-se realização categórica da concordância padrão com a forma *nós*. No que se refere ao pronome *a gente*, as variedades urbanas cultas e populares do PB, segundo as referidas pesquisas, prefeririam a realização do verbo na terceira pessoa do singular (P3 – *a gente canta*), enquanto no PE haveria maior variação entre singular e plural (*a gente cantamos / a gente canta*).

Embora resultados de estudos como os citados permitam traçar um panorama da concordância verbal de P4 em áreas do Brasil e de Portugal, ainda não é possível ter conhecimento do fenômeno em toda a extensão dos territórios em questão, sobretudo nos diversos perfis de comunidades rurais e urbanas, como, por exemplo, nas áreas menos centrais / mais “periféricas”. Assim, este trabalho propõe-se a investigar a concordância verbal de P4 em entrevistas sociolinguísticas realizadas em comunidades urbanas do Rio de Janeiro e fazer um estudo de caso na favela Vila Cruzeiro, localizada no bairro da Penha, na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, para que se verifique se as áreas mais periféricas socialmente, como as favelas, usualmente mais desfavorecidas em termos socioeconômicos e

de acesso aos bens e aparelhos culturais, se aproximam das áreas menos periféricas/mais centrais em relação ao fenômeno em questão. Deste modo, apresentam-se alguns questionamentos acerca da complexidade do convívio entre a favela e outras áreas da cidade, e tem-se, por hipótese, a partir dos estudos mencionados anteriormente e de uma análise preliminar do *Corpus* Concordância (cf. MONTEIRO, 2018; 2020), que áreas como a Vila Cruzeiro teriam realizações diferentes de áreas, como a área mais central de Nova Iguaçu e o bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro.

Para desenvolver essa discussão, a presente pesquisa tem como objetivos gerais: (1) descrever o comportamento da marcação de plural na P4 em Nova Iguaçu, município da área metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, em Copacabana, bairro turístico da cidade do Rio de Janeiro, e na Vila Cruzeiro, favela em morro da mesma cidade, identificando os fatores linguísticos e extralinguísticos para a realização das formas alternantes, com ou sem marcação padrão de pluralidade (*nós cantamos / nós canta e a gente canta / a gente cantamos*); (2) verificar se os padrões de uso da concordância verbal na Vila Cruzeiro admitem as mesmas tendências encontradas em Nova Iguaçu e Copacabana; (3) discutir o que o comportamento de P4 nas áreas fora da favela e o estudo de caso realizado na Vila Cruzeiro revelam sobre a urbanidade usualmente apresentada em estudos sociolinguísticos. Para tanto, serão comparadas as ocorrências do estudo de caso e as encontradas no Banco de dados *Concordância* ([www.corporaport.letras.ufrj.br](http://www.corporaport.letras.ufrj.br)) – composto da fala de comunidades urbanas de Copacabana e Nova Iguaçu, supostamente menos periféricas –, partindo dos preceitos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

O desenvolvimento desta monografia encontra-se segmentado em seis capítulos, a saber: Introdução, Delimitação do tema: a concordância verbal de P4, Fundamentos da Teoria da Variação e Mudança, Metodologia, Análise dos resultados, e Considerações finais: debate dos resultados. O primeiro diz respeito ao capítulo presente, que introduz e apresenta o perfil deste trabalho. O capítulo dois trata de uma breve revisão bibliográfica do tema estudado, delimitando a abordagem ora adotada. Já o capítulo três aborda os fundamentos adotados, baseados nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Em relação ao quarto capítulo, este apresenta a metodologia usada ao longo do trabalho, descrevendo os procedimentos, as variáveis controladas, as amostras investigadas e a caracterização das áreas de pesquisa. No quinto capítulo, expõem-se os resultados da

análise realizada. Por fim, o sexto e último capítulo destaca nossas conclusões e tece considerações finais.

Após as referências bibliográficas, incluímos, nos anexos, os guias de entrevistas utilizados no estudo de caso com os informantes da Vila Cruzeiro e com o *corpus* Concordância e mapas afetivos da Vila Cruzeiro realizados por alunos da Escola Municipal Bernardo de Vasconcelos, de modo que o leitor tenha acesso ao modelo de entrevista aplicado para a obtenção dos dados investigados na pesquisa e conheça melhor, com os mapas afetivos, a Vila Cruzeiro.

Espera-se, assim, que este trabalho contribua com os estudos de concordância verbal de P4, descrevendo e analisando, quantitativamente e qualitativamente, esse fenômeno na complexidade das comunidades de fala que compõem o chamado Português Brasileiro.

## 2. BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: A CONCORDÂNCIA VERBAL DE P4

A fim de aprofundar-se na análise da concordância verbal de P4, busca-se observar como a tradição gramatical e os estudos linguísticos tratam esse fenômeno. Para tanto, nesta seção, o presente trabalho apresenta alguns estudos que ajudaram a nortear esta pesquisa.

No que se refere aos estudos de concordância verbal de primeira pessoa do plural, a tradição gramatical – que tem por objetivo apresentar os usos modelares ou exemplares para a modalidade escrita, como a literária – não costuma incluir a forma *a gente* no quadro pronominal do PB; portanto, não a considera um pronome pessoal, como se pode observar em Cunha & Cintra (2007 [1985]) e Rocha Lima (2000 [1972]), por exemplo.

Na *Nova gramática do Português contemporâneo*, de Cunha & Cintra (2007 [1985]), a forma *a gente* é incluída em "fórmulas de representação da 1ª pessoa" (p. 310), sendo considerada, assim, uma forma de tratamento, e não um pronome. Ademais, comentam que é no registro informal da fala ou da escrita que se emprega *a gente* no lugar de *nós*. Quanto à abordagem tradicional da concordância verbal com essa forma, cabe mencionar, ainda, a proposta de que, em termos prescritivos, o verbo deve sempre ficar na terceira pessoa do singular (como em *a gente canta*). Em relação à forma *nós*, os gramáticos mencionados a incluem no quadro pronominal, como costuma acontecer, e não tecem qualquer comentário, na seção referente aos pronomes, acerca da forma verbal que acompanha esse pronome. Contudo, na seção relacionada à morfologia dos verbos, os autores mencionam somente a terminação morfológica padrão *-mos* para acompanhar a forma *nós* (como em *nós cantamos*).

Na *Gramática normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (2000 [1972]), o pronome inovador *a gente* não é mencionado em nenhum momento e, assim como em Cunha & Cintra (2007), somente a marcação padrão de pluralidade com o pronome *nós* é comentada.

Já em relação aos estudos linguísticos quanto à alternância pronominal, as pesquisas demonstram que a forma *a gente* se constitui como integrante do PB e deve estar incluída no quadro pronominal, devido ao processo de gramaticalização. Autores como Omena (1996), Viana (2011) e Rubio (2012) apresentam esse processo de gramaticalização<sup>1</sup> e a referência de plural que o pronome *a gente* evoca. Historicamente, esse pronome possui referência

---

<sup>1</sup> Gramaticalização é o processo em que itens lexicais passam a exercer funções gramaticais ou itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais.

semântica de plural, herdada de sua origem nominal, que indicava um coletivo (as pessoas, por exemplo: *A gente [as pessoas] foi ao mercado*). Desse modo, mesmo que o verbo que acompanha o pronome *a gente* esteja na terceira pessoa do singular, sua referência sempre remete à pluralidade, pois, embora essa forma guarde traços morfológicos do nome "gente", assumiu características semânticas do pronome pessoal *nós*.

Assim sendo, pode-se afirmar que é totalmente lógico que o falante utilize o paradigma verbal de P4 com o pronome *a gente*, porque, desse modo, está focando o aspecto semântico dessa forma. Essa característica explica, assim, a alternância entre as formas verbais singular e plural (*a gente canta e a gente cantamos*) que o PE produtivamente apresenta, conforme mencionado anteriormente na introdução deste trabalho.

Omena (2003) realizou um estudo de painel (tipo de estudo que contacta, anos depois, os mesmos falantes que fizeram parte de uma primeira análise, para entrevistá-los novamente) com dados brasileiros da Amostra Censo, do Programa de estudos do Uso da Língua (PEUL), coletados nas décadas de 80 e de 2000 na cidade do Rio de Janeiro. A autora verificou que há uma estabilidade na variação entre esses dois pronomes, pois o falante usa mais *a gente*, mas aumenta o uso de *nós* ao longo de sua vida, principalmente por conta do aumento da escolaridade. Assim, a autora conclui que o pronome *a gente* vai assumindo o lugar de *nós*, ainda que o indivíduo apresente certa estabilidade em algum período de tempo. Em Monteiro (2018; 2020), com parte das amostras de Nova Iguaçu, do *Corpus Concordância*, recolhidas mais recentemente, na segunda década do século XXI, podem-se constatar, de modo geral, resultados parecidos com os de Omena (2003) na fala urbana carioca, visto que foram encontradas mais ocorrências de *a gente* do que de *nós*.

No que concerne ao estudo específico da concordância verbal de P4, investigações anteriores (VIANNA, 2011; RUBIO, 2012; VIEIRA & BRANDÃO, 2014; MONTEIRO, 2018) revelam que, em variedades urbanas escolarizadas, tanto no PB quanto no PE, há uma forte tendência à marcação padrão de pluralidade. Entretanto, há diferenças entre essas variedades, se consideradas as características dos falantes, não só quanto à escolaridade, mas também quanto à região em que residem.

Rubio (2012), investigando os padrões de concordância em diferentes áreas de Portugal (*Corpus de Referência do Português Contemporâneo*<sup>2</sup>) e no interior de São Paulo (Banco de Dados Iboruna<sup>3</sup>), constata que, no PE, há 100% de marcação padrão de pluralidade com o pronome *nós*, mas 75,5% de marcação padrão com o pronome *a gente*. Já na variedade do PB em questão, verifica 94% de concordância padrão com *a gente* e 85,5% de concordância padrão com *nós*. O autor afirma que o Banco de Dados Iboruna, do interior de São Paulo, possui informantes com baixos níveis de escolaridade, característica relevante para o fenômeno em questão no PB, visto que esses baixos níveis podem justificar os baixos índices de concordância padrão se comparados aos de outros trabalhos no Brasil, que serão mencionados a seguir. Em relação à variável nível de escolaridade nos dados de Portugal, esta não foi considerada relevante para a produção ou não da concordância padrão com o pronome *nós*, que se mostrou categórica no PE. No que se refere à concordância verbal com o pronome *a gente*, o autor constata que, quanto maior o nível de escolaridade, maior o uso da forma do paradigma de terceira pessoa do singular (como em *a gente canta*) e, quanto menor o nível de escolaridade, maior é uso da forma do paradigma de primeira pessoa do plural (como em *a gente cantamos*).

Vianna (2011), analisando a fala urbana carioca, com informantes que possuem ensino fundamental completo, ensino médio completo e ensino superior completo, em Nova Iguaçu e Copacabana, a partir de amostras do *Corpus Concordância*<sup>4</sup>, quando este ainda estava em construção, demonstra que houve 99% de marcação de pluralidade padrão com o pronome *a gente* e 100% com o pronome *nós*, aproximando-se, assim, dos dados do PE analisados no mesmo trabalho. A partir das amostras do PE, provenientes das regiões de Cacém, Oeiras e Funchal (áreas mais urbanas), a autora constata 100% de marcação padrão com o pronome *nós* e 99% com o pronome *a gente*.

Cabe destacar, ainda, os resultados relativos à concordância debatidos por Vieira & Brandão (2014) a partir de diversas descrições de dados, também com o *Corpus Concordância*, relativos a estruturas com a forma *a gente* no PB (em comunidades urbanas da

<sup>2</sup> O *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC) foi elaborado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa no período de 1988 até 2006 e pode ser acessado através do site <http://clul.ul.lisboa.pt/>.

<sup>3</sup> O Banco de Dados Iboruna foi composto pelo Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), no período de março de 2004 até setembro de 2007, e pode ser acessado através do site <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/>

<sup>4</sup> O *corpus Concordância*, que foi elaborado pelas professoras doutoras Silvia Rodrigues Vieira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Maria Antónia Mota, da Universidade de Lisboa, e toda a equipe, pode ser acessado em: <https://corporport.letas.ufrj.br/>.

área metropolitana do Rio de Janeiro) e no PE (em comunidades urbanas de Lisboa). As autoras constataram que, tanto no PB quanto no PE urbanos, há preferência pelo paradigma verbal de terceira pessoa do singular (*a gente canta*). No entanto, no PE, foram registradas ocorrências com a outra forma alternante (*a gente cantamos*), o paradigma verbal de primeira pessoa do plural, constituindo, portanto, maior variação entre o singular e o plural nessa variedade do Português (82% de marcação padrão de pluralidade – *a gente canta* -, e 18% da variante não padrão – *a gente cantamos*). Na amostra urbana do PB em questão, o fenômeno recebe o *status* de regra semicategórica (com registro de 99% de marcação padrão de pluralidade).

Ainda em relação ao estudo da concordância verbal de P4, podem-se mencionar os resultados encontrados por Monteiro (2018; 2020) a partir de dados do *Corpus Concordância*, mas exclusivamente com os dados da Amostra Nova Iguaçu. De um total de 673 sentenças com sujeitos de *nós* ou *a gente*, 669 dados foram de marcação padrão de pluralidade e 4 dados de marcação não padrão, constituindo, deste modo, 99,4% de concordância padrão e 0,6 de concordância não padrão. Excluindo-se os dados de sujeito composto, foram encontrados, nesse estudo, 3 dados (0,58%) de concordância não padrão com o pronome *a gente* (*a gente* + P4), de um total de 510 ocorrências, e 1 dado de concordância não padrão com o pronome *nós* (*nós* + P3), de um total de 158 ocorrências (0,63%).

Outras pesquisas também importantes, para o presente trabalho, são as relacionadas ao *continuum* rural-urbano (BORTONI-RICARDO, 2005), para que se discuta como o meio urbano pode se diferenciar de outras áreas consideradas rurais ou prototipicamente não urbanas. Nesse estudo, a autora argumenta que faz mais sentido estudar as diferentes variedades do PB a partir de um *continuum* que vai do mais rural ao mais urbano, invés de estudá-las de modos estanques, como se o rural não fosse influenciado pelo urbano ou vice-versa. A partir desse *continuum*, pode-se refletir sobre um *continuum* em que se leve em consideração a complexidade do convívio entre a favela e outras áreas urbanas da cidade, não trabalhando, portanto, com a fala favelada e a fala de outras áreas urbanas de modo estanque.

Vieira e Bazenga (2015), ao analisarem a concordância verbal de terceira pessoa do plural (P6) em três variedades do Português (a brasileira, a europeia e a são-tomense), também com o *Corpus Concordância*, afirmam que o fenômeno permite que falantes identifiquem as diferenças socioculturais e regionais entre eles, uma vez que, no PE e na fala urbana culta do PB, há um padrão semicategórico para o fenômeno, enquanto que, "na fala de

indivíduos com níveis baixo ou médio de escolaridade, especialmente dos meios rurais, o padrão variável de concordância é flagrantemente observado" (p. 73).

Assim, evidencia-se, ao longo do estudo desenvolvido pelas autoras, que convivem, na variedade brasileira, um padrão de concordância semicategórico, que é prestigioso segundo determinados grupos sociais, composto por indivíduos mais escolarizados e, conseqüentemente, típico de áreas mais urbanas –, e um padrão variável, com menos prestígio pelos grupos mais escolarizados e falado por indivíduos menos escolarizados e de áreas mais rurais. Desta forma, pode-se inferir que as diferenças entre distintas áreas são essenciais para discutir o fenômeno da concordância.

Scherre, em sua palestra ao vivo em 8 de julho de 2020 na série ABRALIN AO VIVO, promovida pela Associação Brasileira de Linguística<sup>5</sup>, intitulada *Respeito Linguístico: contribuições da Sociolinguística Variacionista*, explora diferentes estudos relacionados à concordância verbal de primeira pessoa do plural (BENFICA, 2016; DETTONI, 2003; FOEGER, 2014; MATTOS, 2013; MENDONÇA, 2010), com amostras de outras regiões do país, estudos que permitem observar a produtividade da variação no Português do Brasil, sobretudo quanto ao fator ruralidade/urbanidade.

O primeiro estudo (FOEGER, 2014) que cabe mencionar, aqui, é o realizado com a amostra de fala rural de Santa Leopoldina (2011-2013), região serrana do Espírito Santo, em que foram analisadas as falas de 32 informantes, divididos em homens e mulheres, com 4 faixas etárias e 2 níveis de escolarização diferentes. Nessa pesquisa, foi encontrada uma frequência de 22% de *nós* + *-mos*, 22,2% de *nós* +  $\emptyset$ , 53,8% de *a gente* +  $\emptyset$  e somente um caso de *a gente* + *-mos*, mostrando, assim, que a CV de P4 pode ser caracterizada como uma regra variável em Santa Leopoldina.

O segundo estudo (DETTONI, 2003) é o realizado com as amostras de fala rural e urbana da Baixada Cuiabana (2000), estado do Mato Grosso. Nesse estudo, foram analisadas as falas de 19 informantes, divididos em homens e mulheres, com 3 faixas etárias e 4 níveis de escolarização diferentes. Com essa amostra, encontrou-se uma frequência de uso de 27,5% de *nós* + *-mos*, 27,9% de *nós* +  $\emptyset$ , 44,6% de *a gente* +  $\emptyset$  e nenhuma ocorrência de *a gente* + *-mos*.

---

<sup>5</sup> A conferência está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W4XqhsiB9I0>. Acesso: 08 de agosto de 2020, às 15h50.

Já a terceira pesquisa (MATTOS, 2013) se refere à amostra de fala urbana de diversas cidades do estado de Goiás (2006-2008), em que foram analisadas as entrevistas de 55 falantes, divididos em homens e mulheres, com 3 faixas etárias e 2 níveis de escolarização diferentes. As frequências de uso referentes a essa amostra são as seguintes: 21,2% de *nós + -mos*, 5,7% de *nós + Ø* e 73,1% de *a gente + Ø*. A autora analisa os dados de *a gente + -mos* separadamente das outras ocorrências estudadas e encontra, para essa forma, 4% de frequência de uso em Goiás.

Por fim, o último estudo mencionado (BENFICA, 2016) por Scherre é o realizado com a amostra de fala urbana de Vitória (2000-2002), capital do Espírito Santo, em que 46 falantes foram entrevistados, divididos em homens e mulheres, com 4 faixas etárias e 3 níveis de escolarização diferentes. Nesse trabalho, as frequências encontradas foram: 26,6% de *nós + -mos*, 3,8% de *nós + Ø*, 69,7% de *a gente + Ø*. Aqui, autora também analisa os dados de *a gente + -mos* separadamente das outras ocorrências e, para essa forma, encontra 7% de frequência em Vitória.

Os estudos demonstram uma semelhança entre as 4 áreas em relação ao uso de *nós + -mos*, mas uma diferença significativa entre as áreas rurais e urbanas no que se refere ao uso de *nós + Ø*. As áreas rurais possuem maior frequência de uso da expressão *nós + Ø* que as áreas urbanas, o que caracteriza, para essa expressão, uma regra variável nas áreas rurais e uma regra semicategórica nas áreas urbanas. Com a expressão *a gente + Ø*, as áreas rurais possuem menor frequência de uso que as áreas urbanas.

Lucchesi; Baxter; Silva (2009), considerando diferentes estudos sobre o fenômeno em questão em diferentes áreas do Brasil (ZILLES; MAYA; SILVA, 2000; MONGUILHOTT; COELHO, 2002; SCHERRE; NARO, 1997; RODRIGUES, 1992; BORTONI-RICARDO, 1985; ALMEIDA, 2005), afirmam que as diferenças na realização do fenômeno da concordância verbal refletiriam uma polarização sociolinguística no país, pois, na norma/variedade culta, ocorre alta frequência de uso de concordância padrão, enquanto na norma/variedade popular, menor frequência. Segundo os autores, ao longo da história do PB, foram construídas duas variedades brasileiras, uma culta e uma popular, as quais, hoje, se encontram em um processo de homogeneização, em que a norma popular passa a se aproximar da norma culta, devido à pressão urbana e aos modelos globalizados de fala. Assim, Lucchesi (2015) defende que, embora existam muitas semelhanças sintáticas entre as mencionadas variedades do ponto de vista quantitativo, devem-se analisar as diferenças

qualitativamente, pois, do ponto de vista da avaliação, as diferenças são suficientes para caracterizar e identificar duas normas diferentes, ou seja, os dois polos. Deste modo, é importante verificar se a concordância verbal de P4 apresenta semelhanças ou diferenças qualitativas que permitam o encaixe das falas investigadas na presente pesquisa nos respectivos polos.

Cabe mencionar, então, os índices obtidos por Lucchesi; Baxter; Silva (2009), que comparou resultados de uma amostra de fala composto por comunidades rurais afro-brasileiras isoladas e de quatro diferentes regiões da Bahia com falantes com pouca ou nenhuma escolaridade. Para analisar essa amostra de fala, o autor estruturou-a do seguinte modo:

(...) a amostra de fala foi estruturada de acordo com as seguintes variáveis: (i) comunidade: Sapé (Município de Valença, no Recôncavo Baiano), Helvécia (Município de Nova Viçosa, no Extremo Sul), Barra e Bananal (Município de Rio de Contas, na Chapada Diamantina), Cinzento (Município de Planalto, na região do Semiárido); (ii) sexo: masculino e feminino; (iii) idade: faixa 1, 20 a 40 anos; faixa 2, 41 a 60 anos; faixa 3, mais de 60 anos; (iv) escolaridade: semianalfabeto e analfabeto; (v) estada fora da comunidade: para figurar com valor positivo, o falante deveria ter vivido pelo menos seis meses fora da comunidade. (LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009, p. 363)

Assim, nessa amostra de fala, foram encontradas "480 ocorrências de formas verbais relacionadas com um sujeito representado pelo pronome nós, realizado ou não foneticamente" (LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009, p. 363), constituindo, então, 82% de uso da forma verbal de P3 (Ø) e 18% de uso da forma verbal de P4 (*-mos*, *-mo* ou *-emo*). Com isso, mostrou-se um índice representativo da concordância não padrão em comunidades rurais do país.

Pode-se mencionar, também, a pesquisa realizada por Bortoni-Ricardo (1985), que analisou a primeira pessoa do plural na fala de falantes rurbanos<sup>6</sup>, com pouca ou nenhuma escolaridade, de Brazlândia, cidade satélite de Brasília. Em outras palavras, o estudo foi realizado com migrantes da zona rural que vivem em Brazlândia, na periferia de Brasília. A autora encontrou uma frequência de 56% de concordância padrão, o que difere dos índices encontrados em áreas mais privilegiadas de centros urbanos.

---

<sup>6</sup> Os falantes *rurbanos* são aqueles que se caracterizam porque "levaram para as cidades os seus padrões linguísticos e culturais, [mas que] foram adquirindo forçosamente, em seu processo de integração, os padrões urbanos de maior valor simbólico". (LUCCHESI, 2009, p. 33)

Dialogando com a área de pesquisa do presente trabalho, que, como dito anteriormente, pretende estudar a concordância verbal de P4 também em área de favela do Rio de Janeiro, o trabalho de Rodrigues (1987) é essencial para entender a importância de contemplar a periferia na caracterização do urbano. Estudando a concordância verbal em favelas da zona norte da cidade de São Paulo, a autora conclui que, independentemente do fato de o sujeito pronominal estar explícito ou oculto, "as formas verbais de primeira pessoa do plural não são realizadas pelo falante popular de São Paulo" (p. 190) quando são proparoxítonas.

Estudos como os de Rodrigues (1992) e Bortoni-Ricardo (1985) demonstram o quanto os altos índices de concordância padrão verificados nas áreas urbanas podem mudar quando se analisa a fala de comunidades faveladas ou comunidades *rurbanas*, visto que, ao analisar favelas de São Paulo, Rodrigues encontrou um índice de 53% de não concordância padrão com o pronome *nós* em falantes analfabetos ou semianalfabetos, e Bortoni-Ricardo encontrou frequência de 56% entre os falantes migrantes de uma zona rural e que se instalaram em Brazlândia, na periferia de Brasília, como dito anteriormente.

Levando-se em consideração a concordância verbal de P4 como um todo, esses trabalhos em conjunto mostram as seguintes tendências de concordância: em relação às diferenças entre o PB e o PE, pode-se afirmar que, com o pronome *nós*, no PB, em áreas menos periféricas nos grandes centros urbanos, observa-se uma regra semicategórica de concordância padrão. Em áreas rurais ou mais periféricas dos centros urbanos, o fenômeno pode caracterizar-se como variável ou semicategórico. Já no PE, o fenômeno caracteriza-se como regra categórica. Quanto à CV com o pronome *a gente*, observa-se variação na variedade europeia, enquanto para o PB quase não se registrou variação, havendo nítida preferência pela forma verbal de P3.

A comparação dos percentuais relativos às análises citadas permite observar que, em áreas rurais ou urbanas mais periféricas, o fenômeno da concordância se manifesta de forma mais variável. Para sistematizar os resultados brasileiros dos estudos aqui mencionados, a partir da distribuição de dados feita por forma pronominal, propõe-se, primeiramente, a tabela a seguir, que contempla apenas os trabalhos que quantificaram separadamente os dados de *nós* e os dados de *a gente*:

**Tabela 1:** Análise comparativa da concordância verbal de P4 com os pronomes *nós* e *a gente* entre diferentes estudos do PB rural e urbano (dados de *nós* separados de dados de *a gente*).

Pronome / variedade	NÓS		A GENTE	
	MOS	Ø	MOS	Ø
PB rural (RUBIO, 2012 – Amostra Interior - SP)	85,5%	14,5%	6%	94%
PB rural (LUCCHESI; BAXTER; SILVA 2009 – Amostra Comunidades rurais afro-brasileiras isoladas - BA)	18% (– <i>mos</i> , – <i>mo</i> ou – <i>emo</i> )	82%	- <sup>7</sup>	-
PB urbano (VIANNA, 2011 – Amostras Nova Iguaçu e Copacabana - RJ)	100%	0%	1%	99%
PB urbano (MONTEIRO, 2020 – Amostra Nova Iguaçu - RJ)	98,4%	1,6%	0,008%	99,991%

Na tabela a seguir, estão dispostos os resultados dos trabalhos já citados que quantificaram os dados de toda a amostra em conjunto.

<sup>7</sup> O autor só apresentou os dados referentes ao pronome *nós*.

**Tabela 2:** Análise comparativa da concordância verbal de P4 com os pronomes *nós* e *a gente* entre diferentes estudos do PB rural e urbano (dados de *nós* e de *a gente* em conjunto).

Pronome / variedade	NÓS		A GENTE	
	MOS	Ø	MOS	Ø
PB rural (FOEGER, 2014 – Amostra Santa Leopoldina)	22%	22,2%	2%	53,8%
PB rural e urbano (DETTONI, 2003 – Amostra Baixada Cuiabana)	27,5%	27,9%	0%	44,6%
PB urbano (MATTOS, 2013 – Amostra Goiás)	21,2%	5,7%	4% <sup>8</sup>	73,1%
PB urbano (BENFICA, 2016 – Amostra Vitória)	26,6%	3,8%	7%	69,7%

A comparação dos índices percentuais na Tabela 2 possibilita verificar que, nas áreas rurais ou urbanas mais periféricas, é constatada de forma mais expressiva o uso de *nós* + P3 (*nós cantava*); de outro lado, a estrutura *a gente* + P4 (*a gente cantamos*) é a menos empregada em meios rurais (apenas 2% na Amostra Santa Leopoldina).

Dialogando, assim, com os estudos mencionados e as áreas de pesquisa investigadas no presente trabalho, é importante reproduzir, aqui, o *continuum* de marcação de pluralidade exposto por Vieira e Bazenga (2015) a partir dos estudos de Lucchesi, Baxter; Silva (2009). Embora no *continuum* a seguir se representem resultados relativos à marcação de plural com verbos de P6 (*eles cantam*), e não de P4, a proposta é relevante pra o fenômeno da concordância como um todo.

<sup>8</sup> Como dito anteriormente, a autora observou os dados de *a gente* + *mos* separadamente dos outros dados.

**Figura 1:** *Continuum* de marcação de pluralidade em verbos de P6 consoante os traços rural / urbano e os graus de escolaridade em variedades brasileiras com base na proposta de Lucchesi; Baxter; Silva (2009, p. 348 *apud* Vieira; Bazenga, 2015, p. 61)

[+ marcas]				-	[- marcas]
RJ	RJ	RJ	RJ		Helvécia/BA
Urbano	Urbano	Urbano	Rural		Rural
Altamente escolarizado	Moderadamente escolarizado	Analfabeto	Analfabeto		Comunidades afrobrasileiras
94 / 97,8%	73 / 89%	48%	38%		16%

Esse *continuum* "revela índices crescentes de concordância que vai do rural ao mais urbano, e do menos escolarizado ao mais escolarizado." (VIEIRA; BAZENGA, 2015, p. 60). Assim, pode-se afirmar que o PB tem uma distribuição da concordância de terceira pessoa do plural não padrão que vai do mais originalmente rural ao mais urbano.

No mesmo sentido, pode-se propor, aqui, um *continuum* de marcação de pluralidade relativo à concordância verbal de primeira pessoa do plural. Como a quantificação de dados foi feita em cada trabalho de forma particular, reúnem-se os trabalhos em subgrupos para melhor visualização das tendências, conforme se pode observar no esquema a seguir:

**Figura 2:** Índices de realização de nós + P3 consoantes os traços rural/urbano em variedades brasileiras.

[- nós + P3 = + marcas de plural]		[+ nós + P3 = - marcas de plural]	
→			
Nova Iguaçu e Copacabana-RJ (VIANNA, 2011) <sup>9</sup> Nova Iguaçu-RJ (MONTEIRO, 2018; 2020)	Amostra Goiás - GO Amostra Vitória – ES	Amostra Interior – SP Amostra Santa Leopoldina - ES Amostra Baixada Cuiabana - MG	Comunidades rurais afro-brasileiras isoladas - BA
Urbano	Urbano	Rural / Rural-Urbano, respectivamente	Rural afrobrasileira
0% - 1,6% (apenas dados de <i>nós</i> )	3,8% - 5,7% (no total de dados de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> )	14,5% - 27,9% (no total de dados de <i>nós</i> e de <i>a gente</i> )	92% (apenas dados de <i>nós</i> )

Tendo em vista que as comunidades urbanas em questão não contemplam, de modo geral, as favelas, importa verificar se, por hipótese, os dados de comunidades consideradas mais periféricas podem se afastar dos índices tipicamente urbanos. Espera-se, assim, que o presente trabalho contribua para a formulação do referido *continuum* da concordância de P4 que se aproxime mais da complexidade das grandes metrópoles.

Para tanto, abordam-se resumidamente, na seção seguinte, pressupostos que configuram a fundamentação teórica do presente trabalho, que tem como aporte a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 2003).

<sup>9</sup> Como dito anteriormente, o trabalho da autora considera apenas parte do *corpus*, que ainda não estava completo.

### 3. FUNDAMENTOS DA TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

A presente pesquisa – por abordar tema que constitui uma regra variável – baseia-se em pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 2003), que permite verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam na aplicação de uma regra linguística. Através da premissa da heterogeneidade ordenada, esse aporte assume dois princípios básicos: (1) a língua é um sistema organizado; (2) a língua varia; desse modo, trata-se de um sistema de regras não só categóricas, mas também variáveis.

A Sociolinguística parte do pressuposto de que a língua, que se implementa no convívio constante dos falantes em sociedade, sofre mudanças geradas pelo meio social e, também, pelos próprios condicionamentos linguísticos (internos). Assim, os fatores extralinguísticos e linguísticos podem ou não favorecer a aplicação de determinada regra. Por exemplo, neste trabalho, que investiga a concordância verbal de P4, os fatores controlados em cada variável podem favorecer ou desfavorecer a marcação padrão de pluralidade na primeira pessoa do plural.

No que se refere ao funcionamento do sistema linguístico, Labov (2003) sintetiza sua proposta sobre os tipos de regras linguísticas, tão importantes para este trabalho. Esses tipos estão baseados no perfil e na frequência de uso de cada variante: segundo o autor, uma regra categórica se manifesta somente por meio de uma variante, com frequência de uso de 100%; já a regra semicategórica diz respeito à alternância entre variantes que ocorrem poucas vezes, mas que ainda pode ser observada, de forma que a frequência de uso dessa regra é de 95-99%; por fim, a regra variável resulta da alternância entre variantes que podem ocorrer diversas vezes na língua, possuindo frequência de uso entre 5-95%.

A referida proposta de Labov (2003), além da caracterização do perfil dos fenômenos, conta com uma análise quantitativa quanto à produtividade de realização das variantes linguísticas. Nesta pesquisa, assume-se uma perspectiva de vínculo entre as análises quantitativa e qualitativa, discutida por Vieira & Brandão (2014), para, assim, apontar o *status* da concordância verbal de P4 na variedade urbana carioca. Em prol da necessidade de atentar para o perfil das regras quanto às faces quantitativa e qualitativa, as autoras argumentam:

Assume-se, assim, que afirmar que uma língua/variedade admite, por opção gramatical, uma dada estrutura não implica necessariamente o registro

categórico dessa estrutura, como se sabe, nem tampouco se pressupõe um comportamento efetivamente variável. Há que se verificar quantitativa – um número restrito de dados – e qualitativamente – contextos específicos em termos estruturais – a especialização dos usos para se determinar o parâmetro gramatical de certa língua/variedade. (VIEIRA; BRANDÃO, 2014, p. 86)

Assim, a partir dessas análises, pode-se obter um entendimento mais completo do fenômeno estudado no Português falado nas áreas urbanas da cidade do Rio de Janeiro estudadas nesta pesquisa.

Para compreender qualquer fenômeno a partir da Teoria da Variação e Mudança, é importante destacar que, consoante Labov (1972), a variação constitui processo intrínseco à língua que ocorre quando formas alternantes (ou seja, distintas) ocorrem no mesmo contexto, e a aplicação ou não de determinada forma é condicionada por fatores do contexto social e/ou linguístico. Assim, cada variedade, que se refere ao modo de falar característico de determinada comunidade de fala ou grupo social, faz escolhas preferenciais de determinadas variantes, ou seja, formas alternantes que possuem o mesmo significado referencial e co-ocorrem em determinados contexto e período de tempo. Essas formas constituem uma variável no processo de variação, cujo comportamento resulta da ação independente de fatores de natureza linguística e/ou extralinguística.

A relação de concorrência entre as formas alternantes não é só linguística, mas também social, como dito anteriormente. Além dos condicionamentos que influenciam o comportamento da regra variável, a Teoria da Variação e Mudança propõe que é preciso estudar também a avaliação social que recebem as formas alternantes. Com base na proposta de Labov (1972), Freitag *et alii* (2016) sintetiza as três categorias propostas pelo autor para tratar as formas alternantes quanto à avaliação social:

(...) os estereótipos, que são os traços linguísticos socialmente marcados de forma consciente pelos falantes; os marcadores, que são os traços linguísticos sociais e estilísticos e que permitem efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o falante; e os indicadores, que são os traços socialmente estratificados, no entanto, não são sujeitos à variação estilística. (FREITAG; *et alii*, 2016, p. 139).

Desse modo, uma variante pode ser prestigiosa, relacionada, muitas vezes, às normas/variedades cultas, faladas por pessoas mais escolarizadas e/ou de classes sociais mais

elevadas, ou pode ser estigmatizada, relacionada, muitas vezes, às normas/variedades populares e geralmente faladas por indivíduos com menos escolaridade e de classes sociais mais baixas. Assim, o modo como o falante avalia a variante linguística em questão pode indicar se, para ele, a variante possui um estigma marcado socialmente ou não.

Em relação à concordância verbal de P4, tem-se a hipótese de que a elite cultural tem como variantes estigmatizadas a presença do morfe *-mos* em verbos com o pronome *a gente* (como por exemplo: *a gente cantamos*) e a ausência desse mesmo morfe em verbos com o pronome *nós* (como em *nós canta*). No entanto, para outras camadas da sociedade, essas variantes podem ser avaliadas diferentemente, isto é, *nós + P3* e *a gente + P4* podem ter mais prestígio que *nós + P4* e *a gente + P3*.

Desse modo, dentro de um determinado grupo social, dependendo da variável em análise, a variante relacionada à norma culta pode possuir certo estigma, uma vez que os falantes tendem a usar a língua como um meio para reafirmarem suas identidades e se sentirem pertencentes a um grupo social ou a um espaço. Por outro lado, os grupos sociais que tendem a reproduzir variantes estigmatizadas também podem evitá-las, com o intuito de evitar o preconceito linguístico, já que percebem, em suas relações, o conflito social existente entre as formas alternantes de uma língua. É importante destacar, porém, que o falante também pode julgar determinada variante como de menor prestígio, mas, ainda assim, utilizá-la em sua fala em contextos menos monitorados e de menor pressão. Neste trabalho, interessa verificar quais são as formas alternantes mais utilizadas por diferentes grupos sociais nas diferentes áreas do Rio de Janeiro já mencionadas anteriormente: Nova Iguaçu, Copacabana e Vila Cruzeiro.

Para bem interpretar os resultados das comunidades de fala em questão, revela-se importante a noção de um *continuum* rural-urbano, formulado por Bortoni-Ricardo (2005), pois os estudos linguísticos vêm demonstrando que não faz mais sentido separar todos os falantes de modo tão estanque entre falantes rurais e falantes urbanos, uma vez que a sociedade brasileira possui características específicas em relação a seu processo de urbanização. A urbanização no país acontece de maneira desordenada, porque não foi precedida pela industrialização, como em países nos quais a revolução industrial teve início no século XVIII. Já o Brasil é considerado um país rural até os anos iniciais do século XX. (BORTONI-RICARDO, 2005). Desse modo, espera-se que características linguísticas de

falantes que migraram do meio rural para o urbano estejam presentes em áreas do Brasil consideradas mais urbanas.

Assim, a autora explica que esse *continuum* se estende desde as variedades rurais mais isoladas geograficamente até as variedades mais urbanas, trabalhando, portanto, com as características sociodemográficas da região em que habita o falante. Para compreender melhor a complexidade desse *continuum*, Bortoni-Ricardo (2005) postula dois tipos de regras variáveis presentes no referido *continuum*:

(...) regras que definem uma estratificação "descontínua" e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala. (p. 40)

Esses dois tipos de regra ajudam a identificar se o falante possui marcas linguísticas prototípicas do meio rural ou do meio urbano, e, a partir de suas relações sociais, é possível encaixá-lo no *continuum*, seja mais próximo do polo rural, mais próximo do polo urbano ou, até mesmo, em uma porção mais intermediária, denominada pela autora de "rurbana". Assim, evidencia-se a importância de investigar a história social do falante, seus antepassados e como ele chegou ao local onde vive.

Neste trabalho, as comunidades das amostras em análise são todas consideradas urbanas, embora tenham perfis diferentes. Por isso, a vivência de cada informante é essencial para compreender sua relação identitária com o local onde vive, sobretudo na favela Vila Cruzeiro. Ao longo do estudo de caso realizado nesta comunidade, um falante demonstrou muita proximidade com as pessoas e uma relação de afeto muito grande com o local, o que pode influenciar em suas escolhas linguísticas.

Portanto, os espaços no contínuo de urbanização permitem uma reflexão sobre a complexidade do convívio entre a favela e outras áreas da cidade. Em uma cidade tão complexa sócio-demograficamente e tão desigual como o Rio de Janeiro, é essencial pensar e discutir os diferentes graus de urbanidade e a existência de um possível *continuum* favela-asfalto<sup>10</sup>, em que os falantes podem estar mais próximos do "polo favela", possuindo características linguísticas mais usadas desse espaço, ou mais próximos do "polo asfalto", com marcas linguísticas próprias de áreas fora da favela.

<sup>10</sup> Na cidade do Rio de Janeiro, é comum se referir às áreas fora da favela como "asfalto".

## 4. METODOLOGIA

Nesta seção, abordam-se os procedimentos para a coleta dos dados, a descrição dos *corpora* utilizados e as comunidades em questão, o levantamento das variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas para análise e o aporte utilizado para o tratamento quantitativo dos dados.

### 4.1. Procedimentos

Para alcançar os objetivos propostos para este trabalho, foram realizadas diversas etapas de investigação, como se pode observar a seguir:

1. Leituras teóricas e descritivas sobre a Sociolinguística Variacionista e sobre a alternância pronominal, a concordância verbal de P4 em variedades do Português e o *continuum* de urbanidade, que fazem parte da fundamentação desta pesquisa.

2. Realização de três entrevistas com moradores da Favela Vila Cruzeiro.

3. Definição das variáveis que poderiam ser favorecedoras ou não da concordância padrão.

4. Coleta dos dados de sujeitos de P4 (*nós* expresso; *a gente* expresso; não expressos; sujeito composto) no *Corpus Concordância* (que contém as entrevistas em Copacabana e em Nova Iguaçu) e no *corpus* em construção (que contém as entrevistas na Vila Cruzeiro), descritos na próxima subseção.

5. Codificação dos dados quanto à expressão de pluralidade segundo variáveis linguísticas e extralinguísticas, que serão descritas na Subseção 4.3.

6. Tratamento dos dados com o auxílio do pacote de programas Goldvarb-X.

7. Descrição, interpretação e discussão dos resultados obtidos.

### 4.2. Descrição dos *corpora* e das comunidades em questão

As ocorrências analisadas, nesta pesquisa, foram extraídas de dois *corpora*.

Os dados das entrevistas relacionadas às áreas de Copacabana e Nova Iguaçu<sup>11</sup> são do *Corpus Concordância* (VIEIRA; MOTA, 2008-2011 – cf. [www.corporaport.lettras.ufrj.br](http://www.corporaport.lettras.ufrj.br)), organizado pelo Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português*. A amostra básica do referido banco de dados consiste em 36 entrevistas sociolinguísticas (18 com falantes de Copacabana e 18 com falantes de Nova Iguaçu) e está socialmente estratificada; assim sendo, os falantes são distribuídos por sexo/gênero (homem e mulher); faixa etária (A: 18-35 anos, B: 36-55 anos e C: 56 anos em diante); e escolaridade (1: ensino fundamental, 2: ensino médio e 3: ensino superior).

No que se refere às áreas investigadas nesse *corpus*, pode-se afirmar que Copacabana e Nova Iguaçu são áreas com muitas diferenças sociogeográficas. Copacabana é um bairro situado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, zona mais elitizada da cidade. É considerado um dos bairros mais famosos e prestigiados do Brasil, e um dos mais conhecidos do mundo. Em relação à população, é o bairro mais populoso da Zona Sul, com mais de 140.000 habitantes em 2010, sendo a maioria da população idosa e com alto nível de escolarização (Wikipedia). É também um bairro com fácil acesso aos serviços da cidade, como diferentes tipos de lazer, transporte público, escolas e hospitais públicos e privados.

Já Nova Iguaçu é um município brasileiro da Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Localiza-se a noroeste da capital do estado, distando desta cerca de 28km. Ocupa uma área de 523,888km<sup>2</sup>. Em 2017, sua população foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 798.657 habitantes (Wikipedia).

Para a obtenção das amostras de falas dessas regiões, o Projeto responsável realizou entrevistas sociolinguísticas que seguiram um guia (Anexo I), cujos temas podem ser divididos em quatro partes:

- Parte I – O bairro e a cidade: descobrir o grau de enraizamento do informante no local onde vive e o seu grau de mobilidade na cidade; obter informações sobre escolaridade e classe social.

---

<sup>11</sup> Deve-se destacar que, em relação a Nova Iguaçu, o presente trabalho difere dos estudos de Monteiro (2018; 2020), que também utilizou o *corpus* Concordância para a área de Nova Iguaçu. Essa diferenciação ocorre, porque, para esta monografia, foi realizada uma revisão dos dados coletados em 2018, uma vez que se aumentou o número de informantes e de variáveis.

- Parte II – Escolaridade e profissão: relaxar o informante; obter informações sobre escolaridade e classe social.
- Parte III – Vida pessoal: relaxar o informante; obter informações sobre as relações sociais dos informantes.
- Parte IV – Avaliações linguísticas: descobrir como o informante observa e avalia as diferentes variedades da língua.

Várias favelas, em muitos municípios brasileiros, não possuem moradia digna, saneamento básico e acesso a transporte público, saúde e educação. Desse modo, caracterizam-se por um isolamento social-cultural simbólico, que pode influenciar nas marcas linguísticas dos falantes e em suas identidades. A partir da percepção desse isolamento simbólico, torna-se importante refletir sobre o perfil das áreas consideradas usualmente urbanas – o asfalto – com relação às favelas. Esses espaços podem ser opostos socioculturalmente e, linguisticamente, podem ser distintos, complementares ou interdependentes.

Tendo em vista essa realidade urbana, cabe situar geográfica e historicamente a Favela Vila Cruzeiro. Localizada no bairro da Penha, na região metropolitana do Rio de Janeiro, surgiu no século XIX, por meio da instalação de moradias por escravos fugidos que ficavam sob proteção de um padre abolicionista da Igreja da Penha. Antes de virar uma favela, a Vila Cruzeiro era conhecida como Quilombo da Penha.

Com terras férteis e bem produtivas, o comércio local foi desenvolvendo-se e a comunidade teve grande influência na cultura do samba e do Carnaval na cidade, devido à grande Festa da Penha, local onde Donga concretizou o primeiro samba da história do Brasil, "Pelo telefone". Hoje, a Vila Cruzeiro possui um grande número de habitantes em termos populacionais, com pessoas que trabalham e estudam dentro da comunidade, mas também com muitas outras que precisam se deslocar pela cidade. Embora se espere que a população seja bem atendida com os serviços públicos, observa-se, ao longo das entrevistas realizadas com os moradores, que há uma grande dificuldade de acesso ao transporte público, à saúde e à educação nesse local, visto que todos relatam dificuldades em deslocar-se pela cidade e a necessidade de sair da comunidade para encontrar lazer, saúde e educação de qualidade.

Assim, mostra-se importante que os estudos linguísticos abordem a complexidade do convívio entre a favela e outras áreas urbanas da cidade, para refletir se diferenças de comportamento dos fenômenos linguísticos podem revelar a complexidade do espaço urbano, de modo que talvez a identidade do falante possa contribuir para a realização de padrões de concordância diferentes.

Em relação aos dados da favela Vila Cruzeiro, estes foram extraídos de entrevistas sociolinguísticas que fazem parte de um *corpus* que está em construção; assim, neste trabalho, pretende-se mostrar a análise de dados em um estudo de caso com entrevistas a apenas três informantes. Os três indivíduos são caracterizados por sexo/gênero (mulher e homem), faixa etária (13, 18 e 25 anos) e escolaridade (cursando ensino fundamental, ensino médio completo e ensino fundamental completo).

Com o intuito de entrevistar os moradores da Vila Cruzeiro, foi elaborado um guia de entrevista (Anexo II), dividido em três partes com objetivos diferentes, a saber:

- Parte I – A favela e a cidade: descobrir o grau de enraizamento do informante na favela onde vive e o seu grau de mobilidade na cidade; obter informações sobre escolaridade e classe social.
- Parte II – A vida pessoal: relaxar o informante; obter informações sobre as relações sociais dos informantes.
- Parte III – Avaliações linguísticas: descobrir como o informante observa e avalia as diferentes variedades da língua e como avalia diferentes variantes na favela.

### **4.3. Descrição das variáveis**

Para analisar o que favorece as realizações da concordância padrão ou não padrão, foram controladas variáveis de naturezas linguística e extralinguística que se mostraram relevantes em trabalhos anteriores (RODRIGUES, 1987; VIANNA, 2011; RUBIO, 2012; VIEIRA; BRANDÃO, 2014; MONTEIRO, 2018). A seguir, nas seções 4.3.1 e 4.3.2, descreve-se a constituição da regra variável em análise (identificada, no tratamento estatístico, como variável dependente) e dos grupos de fatores controlados ao longo da pesquisa que poderiam atuar como condicionadores do fenômeno (as chamadas variáveis independentes).

### 4.3.1. Variável dependente

A regra variável controlada, nesta investigação, é de natureza binária, isto é, composta por duas formas alternantes relacionadas à presença ou à ausência da marcação morfológica de pluralidade (*nós cantamos / nós canta; a gente canta / a gente cantamos*). A fim de analisar essa variável dependente, o trabalho desenvolve-se considerando duas sub-amostras, uma com os dados relacionados ao sujeito *nós* e outra, ao sujeito *a gente*, como no quadro a seguir:

**Quadro 1:** Variável dependente: fatores e exemplos.

<b>Variável dependente: concordância padrão x concordância não padrão</b>	
Concordância com o pronome "nós"	<p>- agora <b>nós temos</b> muito pouco profissionais... (NIG B1H)</p> <p>- às vezes <b>nós fazia</b> excursão também com o futebol aqui em cima (COP C1H)</p>
Concordância com o pronome "a gente"	<p>- acredito que: <b>a gente não tem</b> muito problema com: segurança (NIG A2H)</p> <p>- <b>a gente somos</b> mais de conversar mesmo (VC-B)<sup>12</sup></p>

### 4.3.2. Variáveis independentes

As variáveis independentes podem ser extra ou intralinguísticas, isto é, dizem respeito aos condicionamentos sociais e linguísticos que (des)favorecem a aplicação da regra de

<sup>12</sup> É importante assinalar que NIG se refere a Nova Iguaçu, COP a Copacabana e VC a Vila Cruzeiro. No caso das duas primeiras comunidades, indica-se, após essa sigla, a faixa etária (A, B, C), o nível de escolaridade (1, 2, 3) e o sexo do informante (H- homem ou M- Mulher). No caso da VC, apresenta-se apenas uma letra para cada indivíduo do estudo do caso: A – homem de 18 anos que possui o Ensino Médio completo; B – mulher de 13 anos que cursa o Ensino Fundamental II; C – homem de 25 anos que possui o Ensino Fundamental completo.

concordância. Os grupos de fatores independentes controlados neste trabalho, descritos a seguir, bem como as hipóteses motivadoras foram elaborados a partir da observação dos dados e da leitura de trabalhos anteriores já mencionados.

#### 4.3.2.1. Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas controladas são as seguintes:

##### (a) Faixa etária

Todos os informantes desta pesquisa são controlados quanto à faixa etária. Nas amostras de Copacabana e Nova Iguaçu, do *Corpus Concordância*, foram distribuídos em três faixas etárias: 18 a 35 anos (faixa A), 36 a 55 anos (faixa B), 56 em diante (faixa C). Já em relação ao estudo de caso na Vila Cruzeiro, os três informantes possuem 13, 18 e 25 anos.

De acordo com Rubio (2012), os mais jovens tenderiam a utilizar as variantes inovadoras, ou seja, as relacionadas à concordância verbal não padrão. Por outro lado, os mais velhos possuiriam a tendência de produzir as variantes conservadoras, referentes à concordância verbal padrão. No entanto, é imprescindível destacar que não é simples definir o que é inovador ou conservador numa comunidade de fala.

De outro ponto de vista, Lucchesi; Baxter; Silva (2009), em trabalho já mencionado aqui sobre áreas rurais afro-brasileiras isoladas na Bahia, constata que os mais jovens tendem a produzir mais a concordância padrão em relação aos mais velhos, ainda que a diferença seja pouca:

Os resultados da variável faixa etária nas comunidades analisadas revelam uma ligeira inclinação no sentido do aumento do uso da regra da concordância verbal, na medida em que se passa dos falantes mais velhos para os falantes mais jovens, o que poderia ser considerado um indício de um processo de implementação da regra de concordância na gramática das comunidades de fala analisadas. Entretanto, a diferença percentual entre as faixas etárias é mínima (...) e a variável não foi selecionada pelo programa de regras variáveis VARBRUL como estatisticamente significativa, no processamento quantitativo dos dados. (p. 368)

É importante refletir, então, se, em relação à faixa etária, a Vila Cruzeiro, área periférica, se diferencia de Copacabana, área elitizada da cidade do Rio de Janeiro, e Nova

Iguaçu, área menos periférica, se comparada com a Favela Vila Cruzeiro. Assim, a partir da realização das entrevistas e de uma análise preliminar dos dados, tem-se como hipótese que as formas "*nós canta*" e "*a gente cantamos*" seriam mais utilizadas pelos mais velhos nas áreas Nova Iguaçu e Copacabana, já que os mais jovens têm mais acesso aos padrões de urbanização, e, na Favela Vila Cruzeiro, seriam utilizadas tanto pelos jovens quanto pelos mais velhos.

(b) Sexo/gênero

Neste trabalho, a variável sexo/gênero foi controlada, a princípio, apenas por conta da estratificação da amostra; porém, não se tem como hipótese que o sexo/gênero influenciaria a concordância padrão ou a não padrão.

Em termos gerais, Labov (1982) propõe que o sexo do informante pode influenciar em seu modo de falar. Segundo o autor, em uma variação estável, os homens tendem a usar a variante inovadora; em uma mudança de cima para baixo, as mulheres usam mais a forma de prestígio; em uma mudança de baixo pra cima, as mulheres usam a forma de menor prestígio. Essa generalização, entretanto, precisa ser averiguada em cada estudo consoante a caracterização do papel da mulher na comunidade de fala em questão.

A investigação de Lucchesi; Baxter; Silva (2009), por exemplo, não corrobora a hipótese geral, pois seus resultados revelaram que os homens empregam mais a concordância verbal padrão do que as mulheres, ainda que esta variável, assim como a faixa etária, também não tenha sido selecionada como relevante. O autor explica que, nas comunidades rurais, os homens tendem a produzir os padrões normativos, porque têm mais contato com os grandes centros urbanos, devido ao trabalho. A partir disso, deve-se refletir se, nas áreas periféricas das grandes cidades, como na Vila Cruzeiro, a tendência à busca de emprego fora da periferia também é maior entre os homens, o que poderia acarretar algum efeito quanto à preferência pelas formas consideradas prestigiosas, de acordo com a norma-padrão.

(c) Escolaridade

A escolaridade pode influenciar significativamente na maneira como o indivíduo fala. Com isso, tem-se o propósito de verificar a relação entre o nível de escolaridade de cada indivíduo das amostras e o nível de aplicação da regra de concordância. Para tanto, foram considerados três níveis para o *Corpus Concordância*: ensino fundamental (até 9 anos de escolaridade), ensino médio (de 10 a 12 anos de escolaridade) e ensino superior (nível universitário). Para o estudo de caso na Vila Cruzeiro, tem-se os seguintes níveis de escolaridade para os três informantes: a informante de 13 anos está, no atual momento, cursando o ensino fundamental; o informante de 18 anos possui o ensino médio completo; já o informante de 25 anos possui o ensino fundamental completo.

Espera-se que, em todas as áreas estudadas, quanto maior for o nível de escolaridade, maior será a aplicação da regra de concordância, uma vez que a escola exerce forte pressão sobre a norma do indivíduo, como os trabalhos de Vieira & Brandão (2014) e Monteiro (2018) demonstram.

#### (d) Informante

Para analisar o grau de enraizamento do informante e sua identificação com a comunidade e poder traçar um panorama social-geográfico daqueles que produzem a concordância não padrão, propôs-se criar um grupo de fatores para tratar do comportamento de cada informante.

Esta variável permitirá identificar se os índices encontrados constituem uma tendência da comunidade de fala ou se são particulares ao indivíduo. No segundo caso, poderão ser observados, com mais detalhes, o comportamento e a opinião do indivíduo, ao longo da entrevista, refletindo sobre o seu maior ou menor grau de identificação com a comunidade em questão. Desta forma, será possível compreender a particularidade do indivíduo e se suas relações diárias favorecem ou não a concordância padrão.

A relação de identidade do indivíduo com o local onde vive parece ser de grande relevância na Vila Cruzeiro, uma vez que, ao longo das três entrevistas, pode-se perceber quem tem mais ou menos orgulho de viver nessa favela. Além disso, o lugar dentro da Vila Cruzeiro é importante para cada informante, pois essa favela é dividida em diferentes áreas.

Não existe, infelizmente, um mapa oficial da prefeitura do Rio de Janeiro que mostre as áreas dentro dessa comunidade tão grande e diversa. Para suprir essa falta, alunos da Escola Municipal Bernardo de Vasconcelos, localizada dentro da Vila Cruzeiro, orientados pelo professor de História Wander Pinto<sup>13</sup>, fizeram mapas afetivos do entorno de suas casas, para demonstrar a diversidade de locais da favela. Alguns dos mapas podem ser observados no Anexo III.

#### 4.3.2.2. Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas planejadas<sup>14</sup> para a investigação são as seguintes:

##### (a) Explicitude do sujeito

Embora este trabalho tenha como objetivo investigar a concordância verbal, a expressão do sujeito também foi controlada para que se tenha uma visão mais ampla da qualidade dos dados em análise. Ademais, por meio deste grupo de fatores, foi possível, em termos práticos, separar os dados de *nós* e os de *a gente*.

Para a análise do fenômeno, considera-se esta variável, porque estudos anteriores (BORTONI-RICARDO, 1985; RUBIO, 2012) já demonstraram que sujeitos realizados foneticamente podem influenciar a ausência de marcas de primeira pessoa do plural nos verbos. Em contrapartida, o sujeito não-expresso leva o falante a realizar as marcas de primeira pessoa do plural para desfazer possíveis ambiguidades.

Em Omena (2003), Vianna (2011) e Monteiro (2018), pode-se observar o uso predominante do pronome *a gente* em detrimento do pronome *nós* e do sujeito não-expresso na variedade brasileira do Português. Em consonância com esses trabalhos, Duarte (1993) propõe que o PB está se tornando uma língua [+pro-drop], ou seja, que tem preferido o sujeito

<sup>13</sup> Wander Pinto é professor de História do município do Rio de Janeiro e apresentará sua Dissertação de Mestrado em 2020, a qual contém mais detalhes sobre os mapas afetivos e a relação dos alunos com a Vila Cruzeiro.

<sup>14</sup> Na primeira etapa da investigação (cf. MONTEIRO, 2018; 2020), verificou-se a atuação de todas as variáveis descritas nesta seção, mediante a codificação de todas as ocorrências. Tendo em vista que o fenômeno não se realizou como uma regra variável no Corpus Concordância, mas como uma regra semicategórica, foram quantificadas apenas as variáveis extralinguísticas para a observação da distribuição dos dados nas entrevistas do Corpus Concordância que não foram analisadas na primeira etapa da investigação e no estudo de caso realizado na Vila Cruzeiro.

preenchido, em razão das mudanças que o quadro pronominal e a morfologia verbal vêm sofrendo ao longo dos anos.

Para a observação e análise desta variável, foram considerados verbos relacionados à morfologia de P3 e P4 em sete tipos possíveis de combinação estrutural, a saber:

- sujeito expesso com *nós* + *-mos*:
  - (1) mas a vida social da gente lá era muito grande... porque **nós não tínhamos** o que fazer (COP C3H)
- sujeito expesso com *nós* +  $\emptyset$ :
  - (2) antigamente **nós achava** as músicas antiga cafona e ago/ hoje em dia os meninos acha né (COP C1H)
- sujeito expesso com a gente +  $\emptyset$ :
  - (3) **a gente trabalha** com diversas áreas culturais dança teatro música eh esporte eh circo (NIG A1H)
- sujeito expesso com a gente + *-mos*:
  - (4) a gente gosta mais de... quando arruma a casa cuida da minha sobrinha **a gente somos** mais de conversar mesmo (VC-A)
- sujeito não-expesso + *-mos*:
  - (5) os ensinamentos dentro de casa mesmo ... a ... mas **estamos** evoluindo ... acho que daqui a alguns anos ... se Deus quiser ... eu sou muito otimista ... nós vamos melhorar (NIG A3H)
- sujeito não-expesso +  $\emptyset$ :
  - (6) poxa é muito:... a gente chega lá e **fica esperando** muito tempo também oh a parte positiva é não ter que pagar pelos exames eu acho (VC-B)
- sujeito composto
  - (7) eu e ele **éramos tidos** como os maneQUINS do/das lojas... (NIG B1H)

(b) Paralelismo formal

Como observado nos estudos sobre concordância verbal (VIANNA, 2011; RUBIO, 2012), há uma tendência em se repetir estruturas, de modo que a presença de marcas levaria à presença de marcas e a ausência de marcas levaria à ausência de marcas. Assim, haveria a tendência em repetir a marca morfológica utilizada em uma primeira cláusula. Dito com

outras palavras, quando uma sequência de cláusulas começa com uma determinada marcação morfológica, o falante tenderia a utilizar essa mesma marca nas cláusulas seguintes.

Para a concordância verbal, espera-se que as mesmas marcas morfológicas utilizadas no início da sentença se repitam nas cláusulas posteriores, como afirma Rubio (2012):

Assim, para a CV, a expectativa é de que os contextos em que os verbos anteriores são marcados com o plural favoreçam a marcação de plural nos verbos posteriores e, para a AP [alternância pronominal], a hipótese é de que haja a repetição das mesmas formas pronominais ou verbais (no caso de sujeitos desinenciais) em uma série de cláusulas com mesmo referente. (p. 175)

Logo, com esta variável, pretende-se observar quais são as marcas morfológicas de pluralidade utilizadas em contextos anteriores e posteriores e se essas marcas se repetem – como em: "mas assim isso acontece demais acaba que as pessoa se aproximam... e como *a gente ia e voltava* junto e *morava* próximo também" (COP A3H) – ou se não se repetem – como em: "dentro nós somos assim... *a gente brinca* parece que *somos* irmãos só... que eu procuro mostrar a minha autoridade" (NIG B1M).

### (c) Saliência fônica

A variável linguística saliência fônica diz respeito às formas que são mais salientes na diferenciação fônica entre singular e plural. Vianna (2011) e Rubio (2012) confirmam que maiores níveis de saliência fônica favorecem o uso do traço morfológico de primeira pessoa do plural – *mos*, enquanto menores níveis podem inibir esse traço morfológico e, portanto, favorecer a marcação de pluralidade não padrão na P4. Na primeira etapa de análise deste trabalho, foram considerados quatro níveis de saliência fônica, como propostas por Rubio (2012):

- saliência esdrúxula: a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona (*cantava – cantávamos*)
- saliência máxima: ocorre mudança no radical (*é – somos / fez – fizemos*)
- saliência média: ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural (*comprou – compramos*)
- saliência mínima: a oposição vogal/vogal-mos é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. (*assiste – assistimos / dá – damos*)

## (d) Posição do sujeito

No tocante à posição do sujeito, pode-se afirmar que esse grupo de fatores influencia significativamente na concordância entre o sujeito e o verbo no PB. Igualmente aos trabalhos de Vianna (2011) e Rubio (2012), este tem como hipótese que a posição pré-verbal favorece a marcação padrão de pluralidade e a posição pós-verbal a desfavorece. Assim, consideraram-se, para a investigação, os sujeitos antepostos e pospostos à forma verbal, como nos seguintes exemplos:

- sujeito anteposto: "aqui *a gente trabalha* com as diversas áreas culturais dança teatro música eh esporte eh circo..." (NIG A1H)
- sujeito posposto: "eu também não tenho escolaridade oitava série não é estudo assim... eu acho que você vê as pessoas falando... pô *tá nós quatro aqui*... ai ele tá observando ele viu que você falou três reais" (NIG B1M)

## (e) Tempo e modo verbal

Rubio (2012) menciona, baseado em Omena (1986) e Lopes (1998), que o presente do indicativo e o pretérito imperfeito influenciam a aplicação de formas verbais da terceira pessoa do singular, ao passo que o pretérito perfeito influenciaria as marcações morfológicas de primeira pessoa do plural. Para verificar esta hipótese, foram previstos, então, todos os tempos e modos verbais que apareceram na amostra. Os tempos e modos verbais que apareceram ao longo das entrevistas foram os seguintes:

- presente do indicativo  
(8) aqui **a gente trabalha** com diversas áreas culturais dança teatro música eh esporte eh circo... (NIG A1H)
- pretérito perfeito do indicativo  
(9) não o amor é igual... pela minha mãe porque assim o meu pai:... com quinze anos **a gente se separou** né então eu não tive muito aquele contato com meu pai... (NIG A2M)

- pretérito imperfeito do indicativo  
(10) porque lá em Japeri lá **a gente precisava** bater um raio x... (NIG A1H)
  
- futuro do pretérito do indicativo  
(11) porque lá em Japeri lá a gente precisava bater um raio x... torceu o pé não sabe se quebrou a gente pra bater um raio x **a gente teria que ir** pra outro lugar (NIG A1H)
  
- presente do subjuntivo  
(12) não que **a gente seja** igual porco né... mas a COMIDA é necessário... a gente tem que comprar primeiro o alimento... (NIG C1M)
  
- pretérito imperfeito do subjuntivo  
(13) tudo é o conhecimento que se não **tivéssemos** conhecimento também ela ia fica um mês dois meses três meses quatro meses então... (NIG C2H)
  
- futuro do subjuntivo  
(14) tou sem moto... tentando: melhorar o que **a gente puder ajudar...** o que **a gente puder ajudar** a gente ajuda... (NIG C1H)
  
- infinitivo pessoal  
(15) não tem uma festa **pra gente ir...** (NIG A1H)

A respeito dessa variável, Omena (2003) argumenta que entrevistas que possuem predominância de sequências dissertativas e argumentativas favorecem o uso do pronome *a gente*, uma vez que há o uso frequente do presente do indicativo. Já nas entrevistas em que predomina o modo narrativo, o falante prefere o pronome *nós*, visto que há o uso mais elevado de tempos passados. Portanto, pode-se afirmar que é imprescindível pensar o modelo de entrevista utilizado para o estudo de caso e refletir se as perguntas realizadas durante a entrevista influenciaram os falantes a utilizar determinados tempos verbais.

(f) Distância entre o sujeito e o verbo

Com esta variável, tem-se a hipótese de que, quanto maior a distância entre o sujeito e o verbo, maior seriam as ocorrências de concordância verbal não padrão, como demonstram

Viana (2011) e Rubio (2012). Desse modo, verificou-se em quantas sílabas o sujeito se distanciava do verbo do seguinte modo:

- 0 sílabas:

(16) pessoalmente não... **nós ficamos sabendo** através de jornais... (NIG B1H)

- 1 a 3 sílabas:

(17) nos governo passado **a gente não podia fazer** isso (NIG C1H)

- 4 a 5 sílabas:

(18) F e eu...inclusive...aí...**voltamos**...voltando de lá pá...a gente foi assaltado com facão de peixeiro né... (NIG A3M)

- + de 5 sílabas:

(19) **a gente** dia de terça-feira **tem** oficina de/ de malabaris... (NIG A1H)

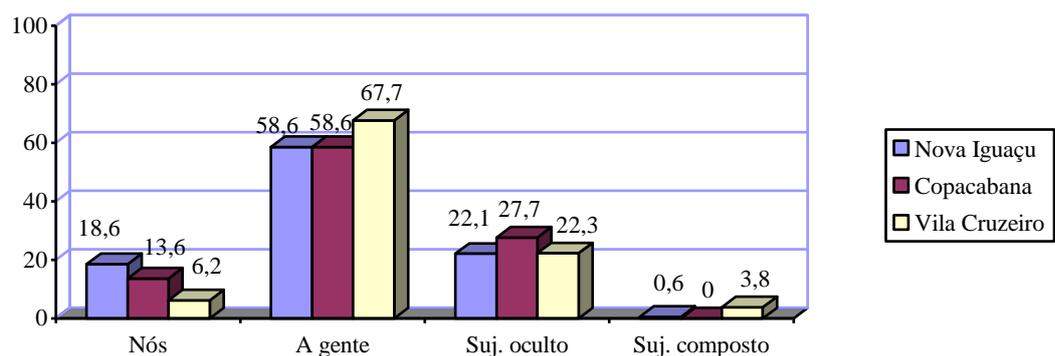
## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, interessa analisar, quantitativa e qualitativamente, os dados referentes à concordância verbal de P4 na variedade urbana carioca do PB, com o intuito de averiguar qual o *status* do fenômeno estudado. Inicialmente, descrevem-se, também, os dados relacionados à alternância pronominal entre *nós* e *a gente*, ainda que não seja o foco desta pesquisa, para que se obtenha uma visão geral das estruturas em análise quanto à concordância verbal de P4.

Com as 39 entrevistas (18 de Copacabana, 18 de Nova Iguaçu – *Corpus Concordância* – e 3 da Vila Cruzeiro – *corpus* em construção em estudo de caso), obteve-se o total de 1786 ocorrências relacionadas às marcas de primeira pessoa do plural ( $\emptyset$  e *-mos*). Dessas ocorrências, 827 são da cidade de Nova Iguaçu, 829 são do bairro de Copacabana e, por fim, 130 são da favela Vila Cruzeiro – subamostras que foram tratadas separadamente.

Quanto à expressão e à forma pronominal do sujeito, os dados coletados foram tanto de sujeitos expressos (com *nós* e com *a gente* ou, ainda, compostos), quanto de sujeitos não expressos, como se observa no gráfico com índices segundo a porcentagem e a tabela com o número de dados a seguir:

**Gráfico 1:** Distribuição dos dados por região quanto à expressão de sujeito de primeira pessoa do plural.



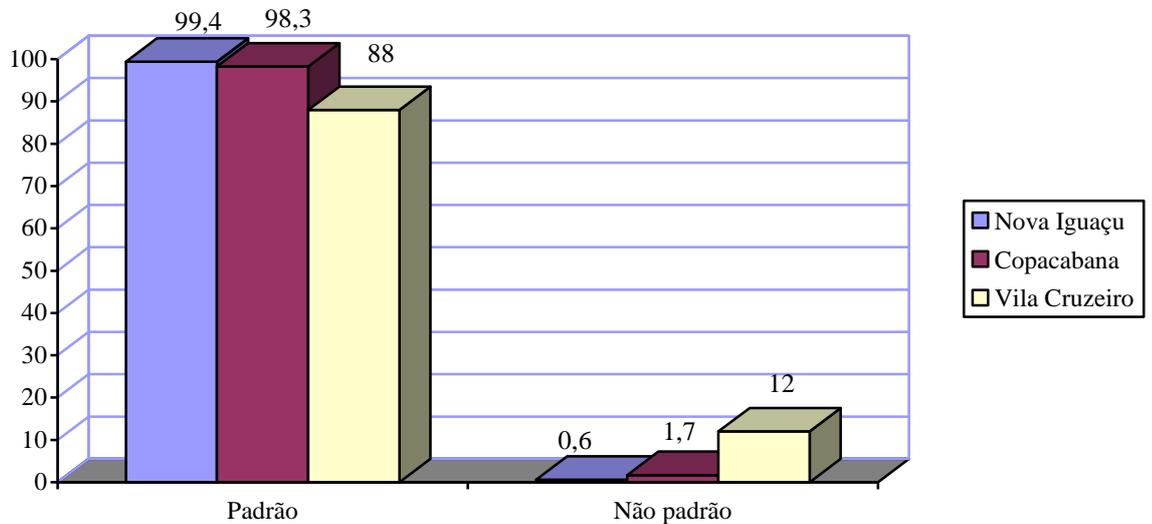
**Tabela 3:** Quantidade de dados referentes à expressão de sujeito de primeira pessoa do plural.

Localidade / Tipo de sujeito	Nova Iguaçu	Copacabana	Vila Cruzeiro
<i>Nós</i>	154	113	8
<i>A gente</i>	485	486	88
Sujeito oculto	183	230	29
Sujeito composto	5	0	5
TOTAL	827	829	130

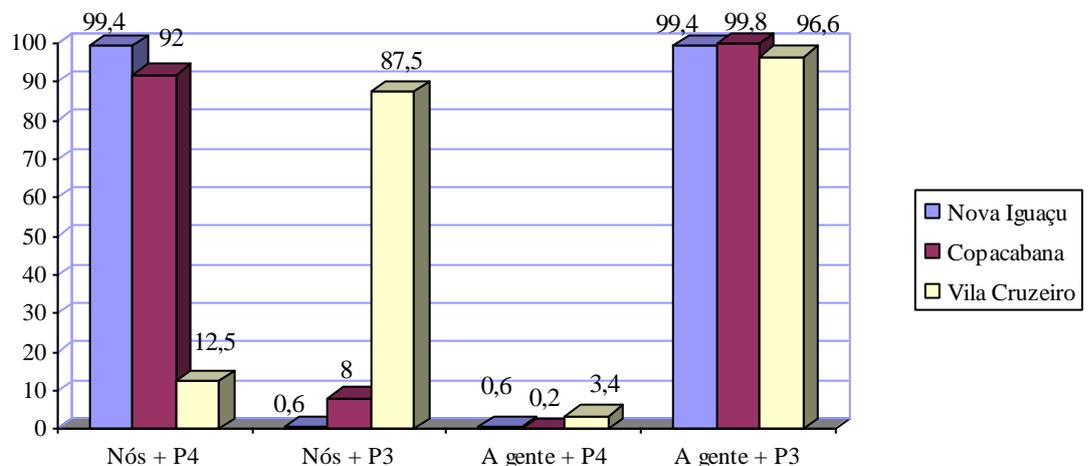
Como se verifica através do gráfico e da tabela, há preferência pelo uso do pronome *a gente* em relação ao pronome *nós* nas três áreas. Observa-se, ainda, que o uso do sujeito expresso com esse pronome supera o uso de sujeito oculto, o que está em conformidade com o trabalho de Duarte (1993), já mencionado anteriormente, que atesta que o PB, hoje, possui algumas características de uma língua [+pro-drop], preferindo, portanto, o sujeito preenchido.

Prosseguindo com a análise dos dados, excluíram-se as ocorrências de sujeitos ocultos, pois não seria possível afirmar com certeza qual a referência desse sintagma (se *nós* ou *a gente*), e composto, uma vez que o foco central desta investigação é a concordância verbal de primeira pessoa do plural com os pronomes *nós* e *a gente*. Assim, para verificar o *status* desse fenômeno, a análise variacionista dos dados de concordância limitou-se às ocorrências com o sujeito expresso na oração em *nós* e *a gente*. Com esta restrição, passa-se a contar com o total de 1343 dados (644 dados de Nova Iguaçu, 599 dados de Copacabana e 100 dados da Vila Cruzeiro).

No que diz respeito à distribuição geral desses dados em relação à concordância verbal, pode-se afirmar que, confirmando a hipótese geral para as áreas urbanas, a concordância padrão foi altamente produtiva nas três áreas, com poucas ocorrências de concordância não padrão, como se verifica no próximo gráfico:

**Gráfico 2:** Distribuição dos dados por região quanto à concordância verbal de P4

A partir do gráfico, observa-se que o fenômeno não se comporta de modo idêntico nas três áreas investigadas. Nas três amostras, há altas taxas de concordância padrão; todavia, em Nova Iguaçu e Copacabana, o fenômeno se caracteriza como semicategórico, com, respectivamente, 99,4% e 98,3% de concordância padrão. Já na Vila Cruzeiro, verifica-se um fenômeno variável, com 88% de concordância verbal padrão e 12% de não padrão. No gráfico a seguir, podem-se observar os índices de concordância verbal com o pronome *nós* e com o pronome *a gente*, contabilizados separadamente, em cada região:

**Gráfico 3:** Distribuição dos dados por forma pronominal + verbo e por região.

Com esse gráfico, observa-se que as áreas estudadas possuem comportamentos parecidos no que diz respeito ao pronome *a gente*, mas, em relação ao pronome *nós*, distanciam-se. A Vila

Cruzeiro destaca-se por ter somente um dado do tipo *nós* + P4 do total de 8 dados de *nós*, enquanto Nova Iguaçu e Copacabana possuem 153 e 104 de ocorrência de *nós* + P4 dos totais de 154 e 113 dados, respectivamente.

Tendo em vista a pequena quantidade de dados de não marcação padrão em algumas subamostras, cabe explorar, aqui, esses dados para aferir suas características e analisá-los qualitativamente. Em relação a Nova Iguaçu e Copacabana, pode-se observar cada dado de concordância não padrão, já que não houve variação efetiva.

Primeiramente, observam-se os únicos 4 dados (0,4%) de concordância não padrão em Nova Iguaçu: 3 com a forma pronominal *a gente* e apenas 1 com a forma *nós*.

(20) quando **a gente vamos** ao shopping eles insistem para que a gente vá... (NIG B1H)

(21) o estado dele ainda tá dentro dele aquelas palavra do jeito que a pessoa falar entendeu como: Pernambuco ou como **a gente vimos** lá na reunião (NIG C2H)

(22) uma sorte ou qualquer coisa ou um conhecimento né porque **a gente sempre tivemos** um conhecimento com médico então qualquer coisa... a gente liga pra essa pessoa... (NIG C2H)

(23) *eu acho que você vê as pessoas falando... pô tá nós quatro aqui... aí ele tá observando ele viu que você falou três reais* (NIG B1M)

A declaração (20) foi produzida por um homem de 49 anos que possui o ensino fundamental completo. Já as declarações (21) e (22) foram produzidas por um homem de 58 anos que possui o ensino médio. A declaração (23) foi produzida por uma mulher de 42 anos que concluiu o ensino fundamental.

Em termos estruturais, nos enunciados (20), (21) e (22), o sujeito da oração está antes e próximo do verbo. O enunciado (20) encontra-se no presente do indicativo. Já os enunciados (21) e (22) estão no pretérito perfeito do indicativo, o que poderia influenciar o uso de marcas de primeira pessoa do plural. Em relação ao enunciado (23), este está no presente do indicativo, o que influencia o uso de marcas de terceira pessoa do singular, e o sujeito está posposto ao verbo, o que favorece a concordância verbal não padrão.

Em seguida, observam-se alguns dos 11 exemplos (1,7%) de concordância não padrão de Copacabana, sendo apenas 1 com a forma *a gente*:

(24) tem o momento deles de lazer a gente tá sempre juntos eu minha esposa **a gente sempre tamos** junto os irmãos da fé também tão sempre junto (COP B2H)

(25) antigamente **nós achava** as músicas antiga cafona e ago/ hoje em dia os meninos acha né (COP C1H)

No que se refere ao enunciado (24), este foi produzido por um falante homem de 47 anos e com o ensino médio completo. Na ocorrência destacada, o verbo está no presente do indicativo, o sujeito está anteposto ao verbo e se distancia dele em 2 sílabas (*sem-pre*), não apresentando, portanto, nenhuma particularidade que favoreceria, por hipótese, a concordância não padrão. O enunciado (25) foi produzido por um falante homem que possui 64 anos e o ensino médio completo. Em relação às características estruturais, observa-se que a forma verbal está no pretérito imperfeito, o que influenciaria o uso da forma na terceira pessoa do singular, e o sujeito está próximo e anteposto ao verbo. Deve-se destacar que esse informante vive na favela Santa Marta, próxima a Copacabana, e dos 11 dados de concordância verbal não padrão encontrados nas entrevistas desse bairro, 10 foram produzidos exatamente por esse informante. Além disso, todos os dados de concordância não padrão desse informante são sempre para menos marcas de plural, isto é, *nós* + P3, e com a forma verbal no pretérito imperfeito do indicativo, como em *nós achava*.

É importante destacar que o uso do pronome *nós* com a forma verbal em P3 no pretérito imperfeito do indicativo pode indicar um encaixamento social, mas também um encaixamento linguístico, o que vai ao encontro da hipótese de Scherre (2020). Segundo a autora, para evitar a criação de uma proparoxítona, como em *achávamos*, o falante utiliza a forma de P3, em conformidade com a conhecida tendência do Português a formas proparoxítonas.

A seguir, comentam-se alguns dos 11 dados (11,9%) de concordância não padrão da Vila Cruzeiro. Pode-se destacar, inicialmente, que o falante que possui o ensino médio completo, maior nível de escolaridade entre os três informantes, não produziu nenhum dado de concordância não padrão. Abaixo, alguns dados que exemplificam os casos de concordância não padrão na Vila Cruzeiro:

(26) A gente num/ **a gente: somos a gente somos** muito apegado um no outro mas a gente às vezes sempre sai do sério um com outro... (VC-B)

(27) Direto pra encher o pote (risos) só pra beber **nós só serve** pra beber (risos) por isso que nós não temos amigos antissocial (VC-C)

Acerca da declaração (26), produzida por uma falante de 13 anos da Vila Cruzeiro que está cursando o ensino fundamental, pode-se afirmar que a ocorrência não possui nenhuma particularidade, visto que o sujeito *a gente* está anteposto e próximo ao verbo *somos*, no presente do indicativo, o que não contribuiria, em termos das tendências estruturais, para a realização da concordância não padrão. Observa-se, na análise dos dados, que a falante produziu 3 dados de concordância não padrão, todos com a estrutura *a gente + somos*.

A declaração (27), produzida por um falante homem de 25 anos da Vila Cruzeiro que possui o ensino fundamental completo, também possui o sujeito anteposto e próximo ao verbo e está no presente do indicativo. Assim como o informante morador da favela Dona Marta, esse informante da Vila Cruzeiro possui quase todas as suas 8 ocorrências de concordância não padrão para menos marcas de plural, ou seja, *nós + P3*, como em "*nós só serve*". Dessas 8 ocorrências, somente 1 é com o sujeito composto:

(28) ele tinha/ele era: meio florzinha ele era meio homossexual... aí nessa época **nós tinha** um pouco de preconceito e tal falava viado e tudo "ih esse professor é viado vamo sacanear ele"... (VC-C)

(29) ah **nós começou a rir** que a atitude dele assim com a mãozinha igual uma menininha foi engraçado (VC-C)

(30) aí **nós começou a rir** não aguentou "vocês três pode descer" aí a gente ia ser expulso nesse dia... como eu tava participando da/de língua portuguesa era não sei o que de língua portuguesa que eu tava participando e era com a LF (VC-C)

(31) Só **nós dois que tinha** jeito que a gente era mais de estudar assim né n era muito de fazer zona assim da sala (VC-C)

(32) mas a gente não entende muito porque a gente pensa que eles tão falando muito certinho mas às vezes eles fala umas fanfarronagem que **nós não entende** (VC-C)

(33) "olha ali aquelas doida ali maneiro e pá" aí **nós olha** já a parte traseira vê se tá bom (VC-C)

(34) **ficou eu e meu irmão** ali aí: eu e meu irmão ficamo ali um ano e pouco moramo mais um ano e pouquinho com minha vó e meu avô aí fomo pro juizado de menor aí deu o numero da minha mãe aí ligou minha mãe foi lá... aí fomo pro juiz aí o juiz perguntou quem ia ficar com quem pro meu pai não pagar pensão (VC-C)

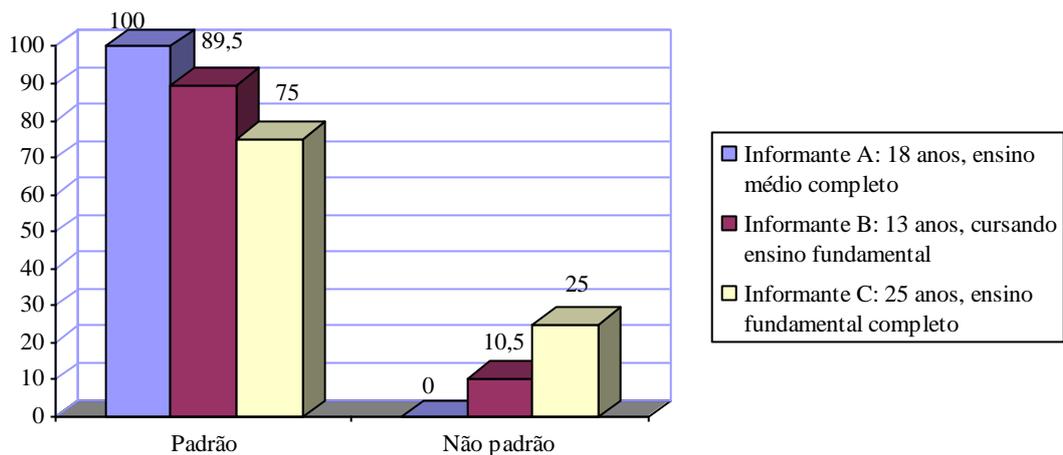
A partir da análise das características desses dados, observa-se que há uma preferência expressiva por *nós + -mos* (*nós cantamos*) e *a gente + Ø* (*a gente canta*), ou seja, as formas

de concordância padrão, em todas as áreas. No entanto, qualitativamente, as áreas estudadas demonstram diferentes tendências.

Em Nova Iguaçu, a concordância não padrão é para mais marcas de plural (como em *a gente cantamos*), enquanto na fala de representantes das zonas mais periféricas – fala da Vila Cruzeiro e do participante de Copacabana, mas morador da favela Santa Marta –, para menos marcas de plural (como em *nós canta*). A escolarização pode ser um fator que influencia o fenômeno dentro das favelas, uma vez que o falante da Vila Cruzeiro que possui o ensino médio completo não produziu nenhum dado de concordância não padrão.

Desse modo, é necessário destacar o comportamento dos três falantes da Vila Cruzeiro, foco desta pesquisa, como no seguinte gráfico:

**Gráfico 4:** Percentuais gerais de concordância verbal dos três falantes da Vila Cruzeiro



Pode-se observar que o falante que tem o ensino médio não produziu nenhum dado de concordância não padrão; já os falantes B e C têm, respectivamente, 88,7% e 75% de concordância não padrão. É importante destacar o falante C, pois é um indivíduo que – segundo se observa em suas declarações – possui muito orgulho de viver na Vila Cruzeiro, demonstrando uma relação de identidade muito forte com a favela. Assim, pode-se pensar que, talvez, sua relação afetiva com a Vila Cruzeiro influencie para que ele seja o falante que mais produziu dados de concordância não padrão, não só na Vila Cruzeiro, mas também em relação a todas as entrevistas analisadas nesta investigação. No entanto, a análise dos dados leva a refletir que o uso mais acentuado de formas não padrão por falantes de favela acontece

por causa de processos históricos e sociais, como menor escolarização e afastamento das instituições que veiculam os valores prestigiados socialmente.

Outro ponto a ser destacado é a diferença de idade entre os informantes que mais produziram a concordância não padrão – homem de 64 anos morador do Dona Marta e homem de 25 anos morador da Vila Cruzeiro. Assim, a concordância não padrão para menos marcas pode indicar uma marca linguística da favela, independentemente da geração. Para confirmar esta hipótese em particular, é importante realizar um estudo com amostra representativa da comunidade devidamente estratificada e, ainda, com análise do histórico dos informantes com mais detalhes, para que se verifique, por exemplo, se esse morador do Dona Marta possui acesso aos meios que promovem as variantes prestigiosas.

Por fim, é preciso reforçar que os dados de *nós* + P4 são utilizados preferencialmente por moradores da favela, realidade inerentemente urbana. Assim, é imprescindível destacar que a Favela Vila Cruzeiro tem características de uma urbanidade particular e pode caracterizar-se por um isolamento simbólico. Deste modo, deve-se estudá-la sócio-historicamente e refletir sobre como se tratam as favelas do Rio de Janeiro nos estudos sociolinguísticos, visto que, do mesmo modo que não se propõe tratar o rural e o urbano de modo tão estanques, também se deve pensar sobre um *continuum* de urbanidade no qual se podem posicionar as favelas, ou seja, um *continuum* das áreas dentro da favela e das áreas que estão fora – comumente e coloquialmente chamadas, no Rio de Janeiro, de asfalto ou de morro.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi possível verificar que a concordância verbal nas amostras de variedade urbana do Rio de Janeiro controladas mostra uma alta produtividade e tem *status* de regra semicategórica em Nova Iguaçu (99,4%) e Copacabana (98,3%), mas variável (88,1%) na Vila Cruzeiro.

É importante destacar que as áreas demonstram tendências diferentes em relação à qualidade dos dados. Em Nova Iguaçu e Copacabana, os poucos casos de concordância não padrão são majoritariamente para mais marcas de plural (com em *a gente cantamos*), enquanto nas áreas periféricas, como na Vila Cruzeiro (e na fala do colaborador da Santa Marta), para menos marcas de plural (*nós cantava*). Esses dados, embora em número reduzido, incitam o questionamento acerca da costumeira caracterização sociolinguística do *continuum* rural-urbano, atribuindo costumeiramente a não marcação de plural em P4, sobretudo, às comunidades rurais e isoladas, e a marcação, às urbanas, de forma geral. Com os resultados obtidos, é relevante o questionamento se a concordância não padrão com o pronome *nós* seria uma marca do modo de falar não só rural, mas também urbano popular, sobretudo favelado.

Pode-se pensar essa hipótese também a partir da análise da diferença geracional entre os falantes que mais produziram a concordância não padrão – o homem de 64 anos morador do Dona Marta e o homem de 25 anos morador da Vila Cruzeiro. Com isso, é preciso verificar a hipótese de que a concordância não padrão para menos marcas pode indicar uma marca linguística da favela, independentemente da geração dos informantes.

No que se refere ao estudo de caso realizado, o falante que produziu 100% de concordância padrão possui o maior nível de escolaridade entre os três informantes, o ensino médio completo. Deste modo, a escolaridade – além do perfil identitário do indivíduo – também pode ser um fator que influencia o fenômeno dentro das favelas, já que este falante nos faz refletir se o ensino médio seria um grau de instrução a ser considerado elevado dentro dessa área. Além dos fatores sociais em geral, o estudo sugere, ainda, a relevância de uma análise do perfil de cada falante quanto a sua própria identificação com a comunidade em que reside. Nesse sentido, o falante de 25 anos, o que mais produziu a concordância não padrão em relação a todas as entrevistas dos dois *corpora*, chama a atenção pelo fato de ter demonstrado, ao longo da entrevista, muito orgulho de ser morador da Vila Cruzeiro,

podendo, assim, refletir esse orgulho também no seu modo de falar. Contudo, é preciso ampliar o número de entrevistas para que se verifique qual seria a variante de maior prestígio dentro da favela em questão.

Por meio de uma investigação mais profunda da favela, linguisticamente e histórico-socialmente, será possível avançar na reflexão sobre como não é viável tratar a urbanidade como uma única realidade. Do mesmo modo que não se trata mais o rural e o urbano de forma tão estanques e isoladas, e sim, a partir de um *continuum* do mais rural ao mais urbano, passando pelo "rurbano" (BORTONI-RICARDO, 1985), por que não se pensar em um *continuum* de urbanidade entre a favela e as áreas de fora da favela (comumente chamadas de "asfalto" em oposição a "morro" no Rio de Janeiro)?

De modo geral, a análise dos dados do presente estudo permitiu fazer considerações sobre o comportamento contemporâneo dos dados brasileiros, contribuindo, também, com os estudos de alternância pronominal e da concordância verbal em variedades do Português. Neste sentido, é evidente a necessidade de aprofundar a descrição dos dados relativos ao perfil das variedades brasileiras, sejam mais urbanas ou mais rurais. Os resultados sugerem que a concordância verbal, nas chamadas "zonas periféricas", constitui uma regra variável, diferentemente da descrita para amostras de variedades urbanas em geral, sem registros de comportamentos efetivamente variáveis, em termos quantitativos e qualitativos (conforme Labov, 2003).

Espera-se, assim, que a continuidade da pesquisa com a análise da concordância de primeira pessoa do plural na favela Vila Cruzeiro, mediante ampliação da amostra segundo estratificação sociolinguística, será fundamental para aprofundar o debate ora iniciado. Por fim, a extensão do estudo – que venha a considerar não apenas o emprego das formas alternantes de P4, mas também a avaliação dos indivíduos em relação a sua identificação com a realidade sociocultural da favela – permitirá discutir com maior propriedade a complexidade do que realmente é caracterizado como o falar urbano nos estudos linguísticos do Português Brasileiro em grandes metrópoles como o Rio de Janeiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. *A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- BENFICA, S. A. *A concordância verbal na fala de Vitória*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers – a sociolinguistic study in Brazil*. University Press: Cambridge, 1985.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- COSTA, B. F.; MONTEIRO, L. S. A concordância verbal de primeira pessoa do plural nas variedades brasileira e Moçambicana do Português: uma análise variacionista. Trabalho apresentado na 9ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2018.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007 [1985].
- DETTONI, R. V. *A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da Baixada Cuiabana – Mato Grosso*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 107-129.
- FOEGER, C. C. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, 2014.
- FREITAG, R. M. K.; SANTANA, C. C.; ANDRADE, T. R. C.; SOUSA, V. S.; Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; GÖRSKI, E. M. (Orgs.)

- Sociolinguística e Política Linguística: Olhares Contemporâneos*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 139 -160.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.) *Sociolinguistics: the essential readings*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2003. p. 234- 250.
- LUCCHESI, D. Introdução. In: RIBEIRO, LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I (Orgs). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 27-37.
- LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I (Orgs). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, F. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I (Orgs). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 331-371.
- MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 2013.
- MENDONÇA, A. K. *Nós e a gente em Vitória: análise da sociolinguística da fala capixaba*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos), Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.
- MONGUILHOTT, I.; COELHO, I. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado a Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p.189-216.
- MONTEIRO, L. *A concordância verbal de primeira pessoa do plural na variedade urbana do Rio de Janeiro: uma análise variacionista*. Trabalho apresentado no IX Seminário dos Alunos da Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2018.

- MONTEIRO, L. A concordância verbal de primeira pessoa do plural na variedade urbana do Rio de Janeiro: uma análise variacionista. In: *Marielles: Somos Muitos, Somos Resistência - Anais do IX Seminário dos Alunos da Pós-graduação em Letras da UERJ.* / Vários autores – V. 2, 1 ed. Colombo: Editora Épos, 2020. p. 34-42.
- OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 309-323.
- OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M.; DUARTE, M (Orgs). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 63-80.
- OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, 2015.
- RIBEIRO, P. *Variação linguística na fala rural: uma análise de dois municípios da zona da mata de Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000 [1972].
- RODRIGUES, A. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. (Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), Universidade de São Paulo, 1987.
- RODRIGUES, A. *Língua e contexto sociolinguístico: concordância no português popular de São Paulo*. Araraquara: UNESP, 1992.
- RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2012.

SCHERRE, M.; NARO, A. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 93-114.

SCHERRE, M. *Respeito Linguístico: contribuições da Sociolinguística Variacionista*. Canal do YouTube ABRALIN AO VIVO. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W4XqhsiB9I0>>. Acesso em: 14/10/2020. 10:55.

VIANNA, J. B. De S. *Semelhanças e diferenças na implementação de A gente em variedades do português*. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. M. A concordância de terceira pessoa do plural: padrões em variedades do Português. In: *A concordância verbal em variedades do Português – a interface fonética-morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015. p. 29-75.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. *Linguística* 30 (2), 2014. p. 81-112.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

ZILLES, A.; MAYA, L.; SILVA, K. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*. Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p.195-220, 2000.

## ANEXO I

### GUIA DE ENTREVISTA – PROJETO CONCORDÂNCIA

#### I. BAIRRO / CIDADE / VIOLÊNCIA / LAZER E ESPORTES / TRANSPORTE

1. O que você acha do bairro / cidade onde mora? Quais são os pontos positivos e negativos do bairro / cidade?
2. Com tanta violência ultimamente, o que você acha do bairro? O bairro é violento ou tranquilo? Por quê?
3. Você (ou alguém conhecido) já foi assaltado? Poderia contar um assalto acontecido com você ou algum conhecido?
4. Por que a cidade está violenta? O que poderia ser feito para melhorar a situação?
5. Como são as opções de lazer do bairro?
6. O bairro / a cidade tem praças, campos de futebol, teatro, cinema etc?
7. O que as pessoas costumam fazer nos fins de semana?
8. Como é a Educação na localidade? Como são as escolas?
9. Tem escolas públicas para todos? Quais são os pontos positivos e problemáticos das escolas públicas?
10. E as escolas particulares como são? O senhor acha que as escolas particulares são melhores do que as públicas?
11. Tem hospitais públicos e postos de saúde para todos? Como são os hospitais? Quais são os pontos positivos e problemáticos dos hospitais?
12. Contar alguma experiência que já tenha passado em relação a atendimento médico.
13. Como é o transporte aqui? O que falta para melhorar o transporte?

#### II. PROFISSÃO

1. Qual é a sua profissão?
2. Como são as atividades diárias da sua profissão?
3. Quais são as principais dificuldades?
4. Quais são as principais vantagens?
5. Está satisfeito com sua profissão?

#### III. POLÍTICA / SOCIEDADE / CUSTO DE VIDA

1. O que acha da vida política (local/nacional)?
2. O país está melhorando ou piorando?
3. O que poderia ser feito para melhorar?
4. Como está o custo de vida?

#### IV. FAMÍLIA / RELACIONAMENTOS / INFÂNCIA

1. O que pensa sobre as famílias atuais?
2. O que é melhor: a vida familiar de hoje em dia ou a de antigamente?
3. Por que aumentou tanto o número de divórcios?
4. Está mais fácil ou mais difícil educar os filhos?
5. O que é necessário para se educar bem os filhos?
6. Por que há tantos filhos desobedientes hoje em dia?
7. Contar como foi a educação que recebeu dos pais.
8. Contar uma história da infância.

#### V. UTOPIAS

1. Quais são seus sonhos em relação à sua vida profissional?
2. Por falar em sonhos, você costuma sonhar ao dormir?
3. Poderia contar algum sonho (interessante/diferente) que já teve.

#### VI. SITUAÇÕES (com base em imagens)

*Para obter as formas de tratamento usadas em diferentes situações.*

1. ...

#### VII. LINGUAGEM

1. Você já notou alguma diferença entre a forma de falar das pessoas com quem você convive? Que tipo de diferenças?
2. Você sabe se uma pessoa é de outro lugar pela forma de falar? Me dê uns exemplos.
3. Você vê alguma diferença entre a fala dos cariocas e a fala de outros lugares do Estado do Rio?

4. Quais os sotaques de que você mais gosta? Por quê? Tem algum de que você não goste. Por quê? Você acha que há sotaques mais bonitos do que outros? Quais são os mais bonitos e quais são os mais feios?
5. Você acha que há lugares que falam português melhor do que em outros lugares? Quais seriam esses lugares?
6. O que você acha da fala do presidente Lula? E da de Sérgio Cabral/César Maia? Se tivesse de comparar a fala dos dois, o que diria?
7. Você acha que Sérgio Cabral ou César Maia falam melhor do que Lula?
8. Você conhece portugueses? Você entende bem o que eles falam? Você acha que os portugueses falam Português melhor do que o nosso? Por quê?
9. Você alguma vez já tentou mudar alguma coisa na sua forma de falar?
10. Alguém alguma vez tentou fazer você mudar sua forma de falar? Quem foi: pais, parentes, amigos, professores ...?
11. Você acha que muda seu jeito de falar de acordo com a situação em que você se encontra?

## ANEXO II

### GUIA DE ENTREVISTA – VILA CRUZEIRO

#### **PARTE I – A FAVELA E A CIDADE**

Objetivos: descobrir o grau de enraizamento do informante na favela onde vive e o seu grau de mobilidade; descobrir sua relação com a cidade; descobrir sua percepção acerca dos serviços da cidade; obter informações sobre escolaridade e classe social.

#### **A. FAVELA / A CIDADE / VIOLÊNCIA / TRANSPORTES / SAÚDE**

14. O que você acha da comunidade / cidade onde mora? Quais são os pontos positivos e negativos da comunidade / cidade?
15. Há quanto tempo você mora aqui?
16. Se o informante já mora há muito tempo na comunidade: Como era a comunidade antes? Mudou muito?
17. Com tanta violência ultimamente, o que você acha da comunidade / cidade?
18. Por que a cidade está violenta? O que poderia ser feito para melhorar a situação?
19. Você tem bastante contato com as pessoas da comunidade?
20. Como são as opções de lazer da comunidade?
21. A comunidade / a cidade tem praquinhos, campos de futebol, teatro, cinema etc?
22. O que as pessoas costumam fazer nos fins de semana?
23. Tem hospitais públicos e postos de saúde para todos? Como são os hospitais? Quais são os pontos positivos e problemáticos dos hospitais?
24. Contar alguma experiência que já tenha passado em relação a atendimento médico.
25. Como é o transporte aqui? O que falta para melhorar o transporte?

#### **B. PROFISSÃO / EDUCAÇÃO**

26. Como é a Educação na localidade? Como são as escolas?
27. Tem escolas públicas para todos? Quais são os pontos positivos e problemáticos das escolas públicas?
28. E as escolas particulares como são? O senhor acha que as escolas particulares são melhores do que as públicas?
29. Para os alunos do pré-vestibular: Como é esse pré-vestibular aqui? Você gosta? Acredita que tem alguma importância para a comunidade?
30. Para os alunos do município: Como é sua escola? Você acha que teve muitas mudanças aqui? Você gosta de estudar aqui? Como são os professores? O que você acha das aulas?
31. Tem algum professor que você goste mais?
32. Tem alguma situação escolar que te marcou?
33. Qual é a sua profissão?
34. Como são as atividades diárias da sua profissão?
35. Quais são as principais dificuldades?
36. Quais são as principais vantagens?
37. Você gosta da sua profissão?
38. O que você pretende ser no futuro?

#### **C. POLÍTICA / SOCIEDADE / CUSTO DE VIDA**

39. O que acha da vida política (local/nacional)?
40. O país está melhorando ou piorando?
41. O que poderia ser feito para melhorar?
42. Como está o custo de vida?
43. Você acha que nossos governantes pensam na favela?

## **PARTE II – A VIDA PESSOAL**

Objetivos: relaxar o informante (geralmente, as pessoas gostam de falar sobre infância e família); aprimorar a percepção sobre o enraizamento do informante na comunidade; obter informações sobre as redes sociais dos informantes.

### **D. INFÂNCIA / FAMÍLIA**

44. O que você costuma / costumava fazer quando / como criança? Brincava / brinca muito pela comunidade?
45. Você tem muitos amigos por aqui?
46. Você tem irmãos?
47. Seus pais são do Rio de Janeiro também? Eles também vivem na comunidade?
48. Sua família, no geral, é toda do Rio de Janeiro?
49. Você costuma ajudar os seus pais cuidando dos seus irmãos?
50. O que pensa sobre as famílias atuais?
51. O que é melhor: a vida familiar de hoje em dia ou a de antigamente?
52. Por que aumentou tanto o número de divórcios?
53. Está mais fácil ou mais difícil educar os filhos?
54. O que é necessário para se educar bem os filhos?
55. Por que há tantos filhos desobedientes hoje em dia?
56. Contar como foi a educação que recebeu dos pais.
57. Contar uma história da infância.

### **E. UTOPIAS**

58. Quais são seus sonhos em relação à sua vida profissional?
59. Por falar em sonhos, você costuma sonhar ao dormir?
60. Poderia contar algum sonho (interessante/diferente) que já teve.

## **PARTE III – AVALIAÇÕES LINGUÍSTICAS**

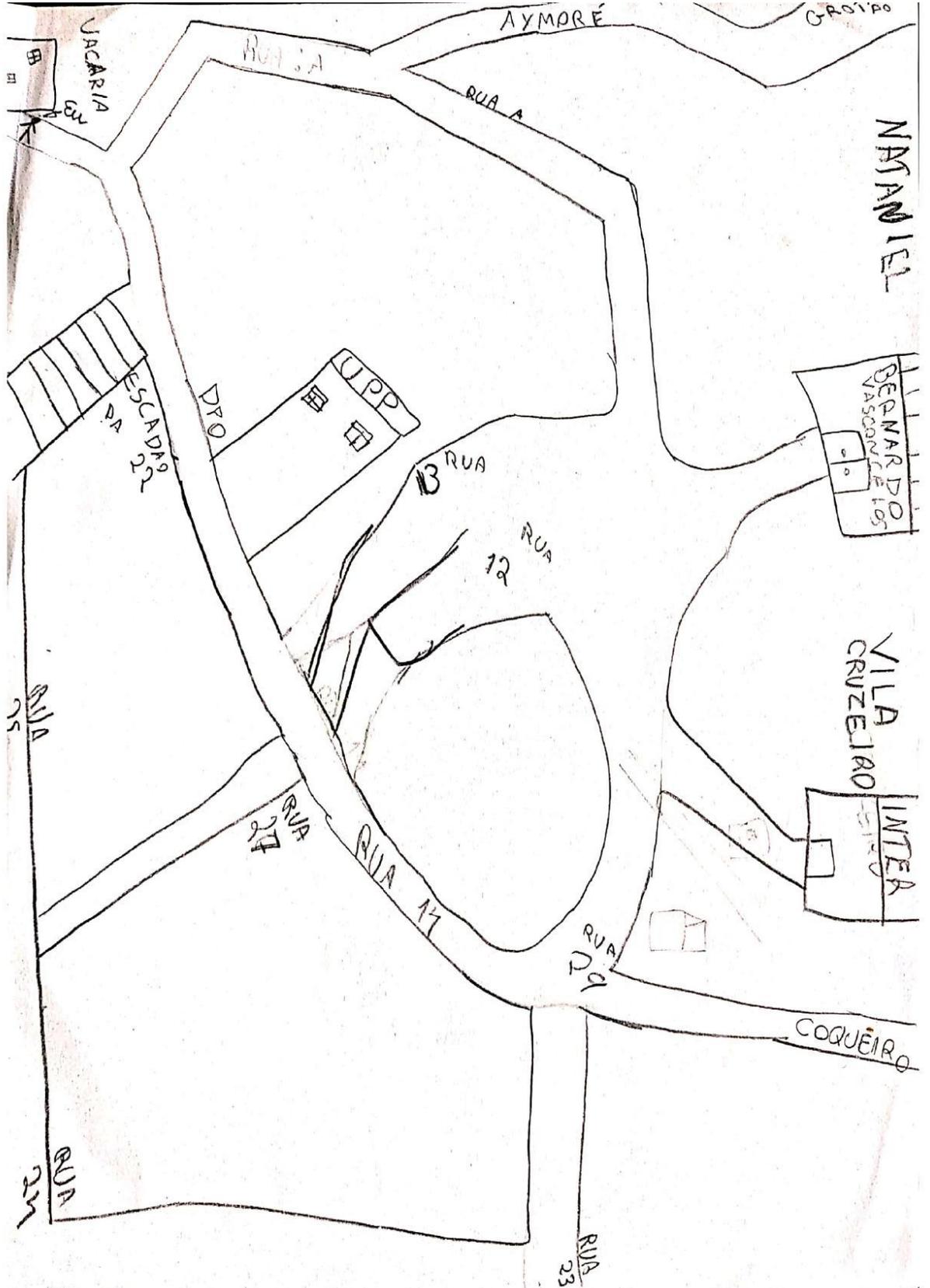
Objetivos: descobrir como o informante observa e avalia as diferentes variedades da língua; descobrir como o informante avalia as falas na favela; descobrir como o informante avalia o fenômeno investigado.

61. Você já notou alguma diferença entre a forma de falar das pessoas com quem você convive? Que tipo de diferenças?
62. Você sabe se uma pessoa é de outro lugar pela forma de falar? Me dê uns exemplos.
63. Você vê alguma diferença entre a fala dos cariocas e a fala de outros lugares do Estado do Rio?
64. Quais os sotaques de que você mais gosta? Por quê? Tem algum de que você não goste. Por quê? Você acha que há sotaques mais bonitos do que outros? Quais são os mais bonitos e quais são os mais feios?
65. Você acha que há lugares que falam português melhor do que em outros lugares? Quais seriam esses lugares?
66. Você conhece portugueses? Você entende bem o que eles falam? Você acha que os portugueses falam Português melhor do que o nosso? Por quê?
67. Você alguma vez já tentou mudar alguma coisa na sua forma de falar?
68. Alguém alguma vez tentou fazer você mudar sua forma de falar? Quem foi: pais, parentes, amigos, professores...?
69. Você acha que muda seu jeito de falar de acordo com a situação em que você se encontra?
70. Você acha que tem alguma diferença entre a forma de falar dentro da comunidade e fora da comunidade?
71. Às vezes, quando eu ando por aqui, eu ouço muito as pessoas falarem "os menino", "as menina". É comum aqui na comunidade? E "nós vai" e "a gente vamo"?

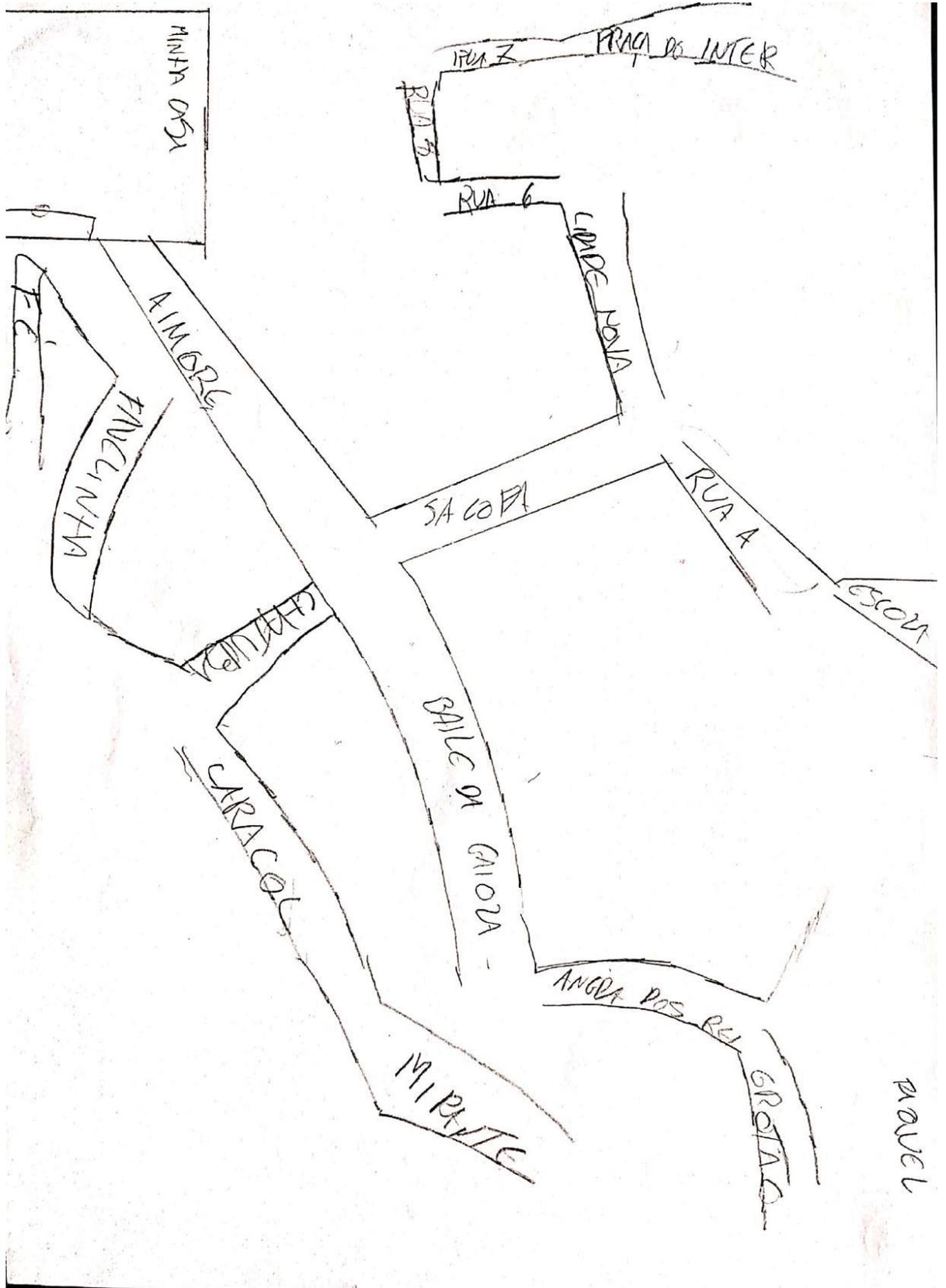




MAPA 02:



MAPA 03:



MAPA 04:

